

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A intervenção do docente para uma aprendizagem motivada no  
1º CEB**

Carla Braz

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Paulo Pires do Vale

novembro de 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**A intervenção do docente para uma aprendizagem motivada no  
1º CEB**

Carla Braz

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Paulo Pires do Vale

novembro de 2015

## Dedicatória

Aos meus pais e irmão.

## Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem o apoio daqueles que colaboraram de alguma forma para a elaboração do mesmo e que acompanharam o meu percurso académico. Por isso quero agradecer:

Ao professor Paulo Pires do Vale pela disponibilidade e reflexões partilhadas que permitiram esclarecer todas as minhas dúvidas, contribuindo para a construção deste relatório.

A todos os docentes da ESEI Maria Ulrich que foram o alicerce de todo este percurso, contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos meus pais e irmão pelo apoio incondicional, pela paciência e por acreditarem sempre em mim. Por me terem deixado escolher o meu caminho, por estarem sempre por perto quando necessário, por todos os valores que me inculcaram, e por todos os motivos que não podem ser traduzidos em palavras, que me fazem sentir orgulhosa de vos ter na minha vida.

Ao meu namorado, pela paciência, pelo constante encorajamento, pela compreensão das ausências, por tudo o que me dá sem pedir nada em troca. O meu muito obrigado por saberes cuidar de mim.

À minha irmã de coração, *Soso* obrigado por todos estes anos de amizade, pelo conforto nas horas mais difíceis e por esse teu sentido prático de ver a vida que me permite desligar o “complicómetro” e ver o lado positivo da vida.

Às pessoas que vivenciaram comigo esta etapa da minha vida e que foram essenciais para que eu nunca desistisse: à Vânia Marques, pela companhia, pela boa disposição que tanto te caracteriza e pela tua amizade que se manterá para sempre.

À Marisa Pinto, pela sua energia positiva contagiante, por acreditar e fazer com que eu acreditasse em mim, por ter vivido comigo o final desta etapa tão intensamente quanto eu e por me ter demonstrado que não existem impossíveis. Obrigado por teres entrado na minha vida. Não existem palavras para agradecer a tua amizade.

Por fim, agradeço a todas as professoras, educadoras, crianças e respetivas instituições que me acolheram enquanto estagiária e que contribuíram para a minha prática profissional.

## **Epígrafe**

“Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar.”

**António Nóvoa**

## Resumo

“Alunos motivados” e “aprendizagem significativa” são duas expressões que se traduzem no objetivo primordial, comum a qualquer docente.

É um dos grandes desafios que põe à prova os professores que se interessam e se relacionam para e com os seus alunos. Neste sentido, o presente estudo procura salientar a importância da motivação nos processos de aprendizagem e no sucesso dos alunos em contexto escolar e, por isso, compreender através da Teoria da Autodeterminação (TAD) os mecanismos da motivação, com o intuito de vir a integrar, na prática pedagógica do professor, possíveis estratégias promotoras da motivação intrínseca, sendo esta a mais benéfica para o ensino.

Assim surgiu a questão norteadora do presente estudo: **Que tipo de intervenção educativa pode ser desenvolvida para uma aprendizagem motivada no 1.º CEB?** Com o intuito de compreender melhor esta problemática, colocaram-se três questões secundárias: **1.ª - Que tipos de motivação existem nos alunos? 2.ª - Qual o papel do professor na motivação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem? 3.ª - Que estratégias pedagógicas potenciam a motivação dos alunos para as tarefas em sala de aula?**

Este estudo teve como suporte um contexto educativo de 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente, uma turma de 3.º ano, para o qual se utilizou uma metodologia de natureza qualitativa com base na análise de dados recolhidos durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES), como as planificações, atividades realizadas pelos alunos e notas de campo. As atividades desenvolvidas com e para os alunos desencadearam uma abordagem educativa que coloca o aluno como agente ativo da sua aprendizagem, tendo como fator principal a motivação dos mesmos.

**Palavras-chave:** motivação, aprendizagem significativa, teoria da autodeterminação, estratégias.

## Abstract

"Motivated students" and "meaningful learning" are two expressions that translate themselves in the primordial objective, common to any teacher.

It is one of the major challenges that put teachers, who are interested and relate to and with their students, to the test. In this sense, the present study seeks to highlight the importance of motivation in the learning processes and the success of students in an educational context and therefore to understand through the Theory of Self-Determination (TSD) the mechanisms of motivation, in order that possible intrinsic motivation promoting strategies become part of the teacher's pedagogic practice, being this the most beneficial in teaching.

Thus arose the guiding question of this study: What kind of educational intervention can be developed for a motivated learning in the 1st CEB? In order to better understand this issue, three secondary questions were raised: 1st - What types of motivation exist in students? 2nd - What is the teacher's role in motivating students in the teaching / learning process? 3rd - What teaching strategies enhance student motivation for the tasks developed in the classroom?

This study was supported by a 1st Cycle of Basic Education educational context, in particular a 3rd year class for which was used a qualitative methodology based on data analysis collected during the Supervised Teaching Practice (STP), such as lesson plans, students activities and field notes. The activities developed with and for the students unleashed an educational approach that places the student as an active agent of their learning, having as the main factor their own motivation.

**Keywords:** motivation, meaningful learning, self-determination theory, strategies.

## Índice Geral

Índice Geral .....	VIII
Índice de Tabelas .....	X
Introdução .....	1
Capítulo I – Enquadramento teórico .....	3
1. Fundamentação do objeto .....	3
2. Revisão da literatura.....	4
2.1. Motivação.....	4
2.1.1. Motivação intrínseca versus Motivação extrínseca .....	5
2.2. Teoria da Motivação Intrínseca de Deci .....	6
2.2.1. Teoria das necessidades básicas .....	7
2.2.2. <i>Continuum</i> de autodeterminação .....	10
2.3 Fontes de Motivação dos alunos.....	12
2.4. Papel do professor.....	13
2.5. Estratégias promotoras da motivação dos alunos .....	14
2.6. Estudo Empírico.....	17
2.6.1. Participantes.....	18
2.6.2. Instrumentos e técnicas de pesquisa e recolha de dados.....	18
2.6.3. Análise e tratamento da recolha de dados .....	18
Capítulo II – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente.....	20
1. Caracterização do local de estágio .....	20
1.1. Caracterização da instituição.....	20
1.2. Breve caracterização do grupo de crianças.....	22
1.3. Caracterização do ambiente educativo da sala de aula e do modelo pedagógico observado .....	23
1.4. A prática e a definição da problemática da investigação.....	25

Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição .....	28
1. Planificação I - Descobrir o passado do meio local (Anexo 1) .....	28
2. Planificação III- Texto coletivo com adjetivos qualificativos e seus antónimos (Anexo 2).....	31
3. Planificação VII – Sistema Digestivo (Anexo 3).....	34
4. Planificação IX- Cartazes sobre os sistemas do corpo humano (Anexo 4) .....	37
Capitulo IV - Considerações Finais.....	40
1. Respostas às questões do capítulo I.....	40
1.1. Que tipos de motivação existem nos alunos?.....	40
1.2. Qual o papel do professor na motivação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem? .....	41
1.3. Que estratégias pedagógicas potenciam a motivação dos alunos para as tarefas em sala de aula? .....	42
2. Considerações finais .....	43
Referências Bibliográficas .....	46
Webgrafia .....	47
Anexos .....	49
Anexo 1 .....	XII
Anexo 2 .....	XVII
Anexo 3 .....	XXVI
Anexo 4 .....	XXXII
Anexo 5 .....	XXXIX
Anexo 6 .....	XLII
Anexo 7 .....	XLIV
Anexo 8 .....	XLIX
Anexo 9 .....	L
Anexo 10 .....	LIII

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> – <i>Continuum</i> de Motivação de acordo com a TAD.....	11
<b>Tabela 2</b> - O Modelo TARGET para promoção da motivação do estudante para aprender.....	15

## Introdução

A motivação em contexto escolar tem sido considerada como um fator determinante da qualidade e consequente desempenho dos alunos. Como tal, torna-se essencial que o docente adote metodologias que visem a motivação dos educandos com o intuito de que estes obtenham uma aprendizagem significativa. Por esta razão, neste relatório final será abordado o papel do professor em todo o processo de motivação e aprendizagem do aluno.

Assim o Relatório Final irá debruçar-se sobre a motivação dos alunos através da seguinte questão problema: “Que tipo de intervenção educativa pode ser desenvolvida para uma aprendizagem motivada no 1.º CEB?”

Esta problemática dividir-se-á em três questões secundárias, tais como:

- 1.ª - Que tipos de motivação existem nos alunos?
- 2.ª - Qual o papel do professor na motivação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem?
- 3.ª - Que estratégias pedagógicas potenciam a motivação dos alunos para as tarefas em sala de aula?

O interesse e as questões levantadas acerca desta temática surgiram das observações e interações que foram sendo realizadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionado (PES), onde foi possível constatar diferentes orientações motivacionais dos alunos. O período dedicado à prática pedagógica teve início no dia três de novembro de 2014 e findou a 20 de março de 2015.

A PES, tal como é referido no seu documento orientador, facultado pelas professoras supervisoras, é um tempo onde o estagiário, para além de ter a possibilidade de interagir com os diferentes elementos presentes no contexto educativo, potencia o seu desenvolvimento

pessoal e profissional através das ações educativas de observar, planear, reformular e avaliar para uma intervenção pedagógica mais assertiva.

Este estudo organiza-se em quatro capítulos, sendo que no **capítulo I-** Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES) - é realizada uma introdução teórica que procura clarificar o conceito de motivação e a sua importância na educação. Partindo da Teoria da Autodeterminação, procura-se compreender os componentes da motivação intrínseca e extrínseca e os fatores relacionados com a sua promoção, incidindo mais especificamente na satisfação das necessidades básicas como suporte da motivação intrínseca e no *continuum* das formas autorreguladas da motivação extrínseca.

No **capítulo II** – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente-, procede-se a uma breve caracterização da instituição e do meio envolvente onde foi realizada a PES. Realiza-se também uma descrição do ambiente educativo e do modelo pedagógico observado no decorrer da mesma, bem como do grupo de crianças que a integrou. Por último, dá-se a conhecer os motivos que conduziram à escolha da temática abordada no presente relatório.

No **capítulo III-** A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição- apresentam-se as planificações e as atividades desenvolvidas com os alunos, bem como a análise de algumas situações vivenciadas ao longo da PES, contextualizando-as com a temática central da investigação.

No **capítulo IV-** Considerações Finais- faz-se uma análise global da investigação realizada, com o intuito de responder às questões que foram colocadas para o presente estudo.

## Capítulo I – Enquadramento teórico

Neste capítulo pretende-se realizar uma revisão da literatura sobre a motivação em contexto escolar e a sua importância no processo de ensino/aprendizagem, uma reflexão sustentada em variados autores que se dedicaram a esta temática. Devido à existência de diferentes teorias da motivação, a presente investigação irá incidir no modelo teórico da Autodeterminação (TAD) e nos seus contributos em contexto escolar, destacando o papel do professor como fundamental para a promoção da motivação intrínseca dos alunos de forma a obter aprendizagens mais eficazes e motivadoras.

### 1. Fundamentação do objeto

Numa sociedade onde as novas tecnologias fazem cada vez mais parte do quotidiano das crianças, oferecendo-lhes experiências imediatas e fascinantes, torna-se indispensável que a escola proporcione aos seus alunos oportunidades igualmente atrativas para que estes enfrentem a aprendizagem como algo desafiante e motivante. Através das observações realizadas na prática pedagógica foi possível constatar que o modelo adotado era predominantemente tradicional, para além de que se observou que os alunos têm entre si predisposições (motivações) diversificadas para a aprendizagem.

Com base nas razões apresentadas, este Relatório Final irá debruçar-se sobre a motivação dos alunos através da seguinte questão problema: “Que tipo de intervenção educativa pode ser desenvolvida para uma aprendizagem motivada no 1.º CEB?”

Esta problemática, dividir-se-á em três questões secundárias, tais como:

- 1.ª - Que tipos de motivação existem nos alunos?
- 2.ª - Qual o papel do professor na motivação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem?

3.<sup>a</sup> - Que estratégias pedagógicas potenciam a motivação dos alunos para as tarefas em sala de aula?

## 2. Revisão da literatura

### 2.1. Motivação

A definição de motivação não é simples, uma vez que está relacionada com diferentes ciências humanas e mesmo no contexto da psicologia surge associada a diversas áreas, o que contribui para a existência de diferentes definições deste tema com o intuito de esclarecer, fundamentar e compreender as ações do ser humano.

Através da origem etimológica da palavra motivação, Bzuneck (2001) refere que a mesma “vem do verbo latino *movere*, cujo tempo supino *motum* e o substantivo *motivum*, do latim tardio, deram origem ao nosso termo semanticamente aproximado, que é *motivo*” (p.9).

Relativamente ao conceito de motivação, Carita, Silva, Monteiro e Diniz (1998) entendem-no como os “comportamentos dirigidos a um dado objetivo e que se desencadeiam como resposta à satisfação de determinadas necessidades dos indivíduos” (p.44). Ainda, Bzuneck (2001) e Balancho e Coelho (2008), conceptualizam-no, como um processo de ação que estimula uma conduta que é direcionada para um determinado sentido, dando origem a um comportamento específico.

O conceito de motivação tem vindo a ser estudado, especialmente, quanto aos motivos que levam o indivíduo a agir, de acordo com os seus objetivos pessoais, atribuindo-lhe assim novas interpretações cada vez mais diversificadas. No entanto, ao considerar-se o contexto escolar, a motivação assume características próprias que a distinguem de outras atividades do homem, que necessitam igualmente de motivação, constatando que a mesma não pode ser estudada exclusivamente pelos princípios gerais da motivação humana (Bzuneck, 2001).

### **2.1.1. Motivação intrínseca versus Motivação extrínseca**

A motivação é uma das dimensões psicológicas mais importantes na área da educação e pode ser classificada como intrínseca e extrínseca. Segundo Fontaine (1990) mencionado por Jesus (2000) “a primeira é determinada pelo interesse do sujeito na tarefa” enquanto que “a segunda é estimulada por um incentivo externo associado ao resultado da tarefa” (p. 218).

A motivação intrínseca faz com que o indivíduo escolha ou realize uma determinada atividade, apenas pelo prazer e satisfação que a mesma lhe proporciona, pois tal como afirma Guimarães (2001) “a motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos” (p.37). Enquanto que, segundo a mesma autora, na motivação extrínseca o comportamento do indivíduo é influenciado por fatores externos à atividade, sendo que o envolvimento na tarefa acontece devido a recompensas do exterior.

Assim, o aluno pode envolver-se nas tarefas escolares pela satisfação da sua curiosidade e pelo desafio que a mesma apresenta e assim estar intrinsecamente motivado, ou pelo contrário poderá envolver-se na tarefa para obter boas notas, receber um prémio ou para evitar algum problema, o que nos permite afirmar que o aluno demonstra estar extrinsecamente motivado. Como tal, um aluno intrinsecamente motivado tende a escolher as tarefas que lhe permitam aumentar as suas habilidades, tentando organizar os novos saberes aos conhecimentos prévios, aplicando-os a outros contextos. Por sua vez um aluno extrinsecamente motivado, faz algo apenas por se sentir recompensado diretamente pela realização da tarefa. (Guimarães, 2001)

Partindo da premissa de que a motivação não é sempre de ordem intrínseca ou que nem todas as situações são intrinsecamente motivantes, dá-se a conhecer os níveis de regulação

da motivação extrínseca, que serão abordados mais detalhadamente sob a perspectiva da TAD.

## 2.2. Teoria da Motivação Intrínseca de Deci

Esta teoria, também conhecida como a Teoria da Autodeterminação (*Self-Determination Theory*), de acordo com Guimarães (2004) foi desenvolvida por Deci e colaboradores baseados na perspectiva proposta por Robert White, em 1975, onde defendia que o ser humano é intrinsecamente motivado para comportamentos que lhe permitam experienciar sentimentos de competência e de eficácia e, ainda, por Richard de Charms que em 1984, considerava que o sujeito tem a necessidade de ser o promotor das suas ações, considerando-as como complementares.

De acordo com Ryan (2009) esta teoria é considerada uma macro teoria da motivação humana, uma vez que é composta por cinco subteorias que interagem entre si e que se complementam: a **Teoria das Necessidades Básicas** (*Basic Needs Theory*) que enuncia três necessidades básicas e inatas que influenciam a motivação intrínseca e o bem-estar dos indivíduos; a **Teoria da Avaliação Cognitiva** (*Cognitive Evaluation Theory*) que procura explicitar de que forma os fatores externos podem influenciar a motivação intrínseca; a **Teoria da Integração Organísmica** (*Organismic Integration Theory*), que descreve as diversas formas de motivação extrínseca e a regulação dos comportamentos; a **Teoria das Orientações de Causalidade** (*Causality Orientations Theory*) que procura explicar a regulação do comportamento através das características pessoais do sujeito e das influências do meio em que está inserido e por último a **Teoria dos Conteúdos dos Objetivos** (*Goal Contents Theory*), uma das mais recentes teorias a ser introduzida, que confronta as metas intrínsecas com as extrínsecas, reforçando que estas últimas, mesmo quando atingidas com sucesso, não promovem a satisfação das necessidades básicas do sujeito.

A contribuição essencial desta teoria baseia-se na existência de três necessidades básicas (**necessidade de competência**, a **necessidade de relacionamento** e a **necessidade de autonomia**) defendendo que a satisfação das mesmas conduzirá ao completo bem-estar do sujeito. Os autores da TAD criticam a clássica oposição utilizada nas definições de motivação intrínseca e extrínseca, considerando-as mais complexas. Por outro lado, concordam que a autonomia ou autorregulação são características indispensáveis para a determinação da motivação intrínseca, no entanto referem que as ações do ser humano são, na sua maioria, reguladas por motivações externas podendo as mesmas serem autodeterminadas, propondo desta forma o desenvolvimento de um *continuum* com os diferentes níveis de regulação da motivação extrínseca (Guimarães, 2001).

### 2.2.1. Teoria das necessidades básicas

As três necessidades psicológicas básicas inerentes à motivação intrínseca são propostas pela Teoria da Autodeterminação: a necessidade de autonomia, a necessidade de competência e a necessidade de relacionamento e pertença. Em contexto escolar as interações existentes na sala de aula e na escola, necessitam de satisfazer estas três necessidades para que a motivação intrínseca possa ocorrer.

A TAD, destaca a **autonomia ou a autodeterminação** sendo definida por Deci (1980) citado por Jesus (2000) como “a experiência de autonomia, liberdade ou decisão pessoal quanto ao comportamento a realizar” (p.220). É considerada uma necessidade relacionada à motivação intrínseca, pois o ser humano tem a necessidade de controlar as suas próprias ações com o objetivo de produzir alguma mudança e não estar sujeito apenas a ordens ou vontades de outros que detenham uma autoridade superior. Os sujeitos que se encontram intrinsecamente motivados têm tendência a atribuir a causa das suas ações a si próprios (*locus* de causalidade interno), sentindo-se desta forma autodeterminados. Em contrapartida,

se o indivíduo se encontra extrinsecamente motivado, este sente que as causas das suas ações são externas (*locus* de causalidade externo) apresentando, por isso, menor autodeterminação (Lieury e Fenouillet, 1997). Ao sentir-se movido por fatores externos, o sujeito experimenta sentimentos de fraqueza e ineficácia, apresentando um comportamento mais controlado, e por isso menos autodeterminado, prejudicando assim a motivação intrínseca (Guimarães, 2001).

Jesus (1996) constata que têm sido realizados diversos estudos que investigaram a prática de professores sobre diversas dimensões em sala de aula, quanto à autonomia dos alunos. Tendo sido apurado que quando os professores apoiam e utilizam a autonomia como uma estratégia de aprendizagem, despertam o interesse e a motivação no aluno favorecendo um bem-estar psicológico, um melhor desempenho acadêmico, mais persistência nas tarefas escolares e um aumento da motivação intrínseca. Com base na premissa de que a autonomia é um fator determinante da motivação dos alunos, cabe aos docentes proporcionarem um ambiente promotor de autonomia, em que as crianças sintam que são um agente ativo da sua aprendizagem, dando-lhes liberdade e opção de escolha nas tarefas realizadas.

No entanto, a autonomia depende do sentido de **competência** do aluno. A necessidade de se sentir capaz ou com competência para... refere-se à percepção que o indivíduo tem das suas capacidades o que permite uma escolha mais consciente dos desafios a superar. Às emoções positivas resultantes da experiência de dominar uma tarefa desafiadora e ao aumento da competência dela resultante, White denominou de “sentimento de eficácia” (Guimarães, 2001).

Porém, os autores da presente teoria, consideram que não é apenas a necessidade de competência que está na base da motivação intrínseca, mas sim a necessidade de competência autodeterminada. A necessidade do sujeito se perceber como competente e autodeterminado motiva-o para procurar e optar por situações que lhe permitam fazer uso das suas capacidades, mesmo que, para tal, seja necessário despende mais esforço.

Neste sentido e em contexto escolar, para que os sentimentos de competência possam ser percebidos pelos alunos, estes necessitam, por vezes, de palavras de encorajamento ou elogio, tornando-se por isso essencial avaliar o tipo de *feedback* que lhes é dado. Segundo Jesus (2000), o *feedback* quando utilizado verbalmente de uma forma positiva e com significado funcional informativo, ou seja, quando leva o aluno a reconhecer as suas capacidades para realizar uma determinada atividade, permite a satisfação da necessidade psicológica de competência e de autonomia, promovendo a motivação intrínseca dos alunos. Partilhando da mesma ideia, Lieury e Fenouillet (1997) referem que “um elevado nível de competência reconhecida, aliado a um sentimento de autodeterminação, produz a motivação intrínseca” (p.53).

A escola deve por isso ser um alicerce para que os alunos se sintam seguros e capazes, para que estes estejam motivados intrinsecamente para o processo de aprendizagem.

Para além da necessidade de autonomia e de competência, a Teoria da Autodeterminação, apresenta uma terceira necessidade: a de **relacionamento e pertença**. Segundo Reeve e Sickenius (1994) citado por Guimarães (2001), já nos anos cinquenta, Harlow referia que o ser humano necessita de se sentir amado e de construir vínculos positivos com os outros, para se poder desenvolver adequadamente.

As relações afetivas com os adultos significantes são as primeiras formas de relacionamento da criança com o mundo que a rodeia, sendo que as emoções manifestadas por ela irão ser um reflexo para outras relações afetivas que estabelecer ao longo da sua vida. Baumeister e Leary (1995) mencionado por Guimarães (2001), definem a necessidade de relacionamento como universal, sendo que o indivíduo deverá estabelecer uma quantidade mínima de relacionamentos interpessoais positivos, duradouros e significativos, caso contrário o seu equilíbrio e bem-estar irão ser afetados.

Embora os estudos sobre esta temática se tenham incidido maioritariamente na relação pais e filhos, no contexto escolar a necessidade de relacionamento assume também um papel fundamental na interação professor/aluno, bem como nas interações entre criança/criança e com os demais agentes educativos. Trabalhos que envolvem a interação professor/aluno confirmam a importância que Guimarães (2001) evoca “promover em sala de aula um contexto de relação segura, através do interesse e disponibilidade a respeito das necessidades e perspectivas dos alunos” (p. 42). Quanto maior for a qualidade desta relação, mais competentes, empenhados e motivados os alunos se irão sentir no decorrer da sua aprendizagem. A afetividade ao ser fortalecida na relação professor/aluno favorece a autoestima, o diálogo e a socialização, permitindo um ambiente seguro e promotor de aprendizagem.

As crianças que não se sentem integradas no ambiente escolar apresentam níveis de desempenho mais baixos, uma visão negativa da escola e, por vezes, podem manifestar comportamentos agressivos. Morgado (2009) incide sobre “a educação inclusiva, ou seja, a organização de um sistema educativo que, respondendo às diferenças entre os alunos, minimize até ao limite os riscos de exclusão” (p.104). Como tal, a escola deverá ser vista como um todo, promotora de um ambiente inclusivo, onde as crianças possam satisfazer não só a necessidade de se relacionarem positivamente com os outros, mas também espaço para que os alunos possam explorar por si mesmos o seu potencial.

### **2.2.2. *Continuum de autodeterminação***

A TAD, embora constata a importância da motivação intrínseca, reconhece que nem todas as atividades são intrinsecamente motivantes para o sujeito. Por essa razão, os indivíduos ainda que motivados extrinsecamente, autorregulam os seus comportamentos, podendo adotar níveis dos menos autodeterminados (totalmente extrínseco) aos mais



Na **regulação identificada** o sujeito identifica e aceita a tarefa, reconhecendo o valor da atividade em si. Embora os comportamentos possam ser autorregulados, estes ainda são influenciados por benefícios externos, embora o indivíduo já não experiencie sentimentos de culpa e ansiedade, uma vez que estes são diminuídos pela inexistência dos conflitos entre a sua motivação e os agentes externos. O último nível proposto pelos autores é a **integração**, em que o indivíduo após as várias identificações, avalia-as e integra-as de forma mecanizada, juntamente com outros valores e necessidades. Nesta dimensão, além do aluno encarar a atividade como importante para a sua aprendizagem, ele integra-a, valoriza-a e aceita-a como sua.

A **motivação intrínseca** encontra-se no nível mais autodeterminado do comportamento, onde o sujeito orienta internamente as suas ações, e manifesta interesse pela atividade em si, com o objetivo de retirar satisfação, prazer e realização da tarefa realizada. Uma vez que o ser humano é constantemente influenciado por fatores externos, este é considerado o estilo de regulação mais complexo e por isso mais difícil de alcançar. Ao processo de transformação de motivações extrínsecas em motivações intrínsecas, a TAD, utiliza a expressão de internalização, e é definido como o processo resultante da necessidade intrínseca do sujeito em ser competente, onde dá início a comportamentos cada vez mais autodeterminados, mesmo que estes sejam essencialmente extrínsecos (Sá, 2004).

### 2.3 Fontes de Motivação dos alunos

Na perspectiva do contexto escolar e para uma melhor compreensão dos aspetos que influenciam a motivação do aluno, Balancho e Coelho (2008) distinguiram as fontes de motivação como interna (motivação intrínseca) e externa (motivação extrínseca). Identificaram como motivações internas: o **instinto do aluno**, é uma reação instantânea a uma situação vivenciada no momento; os **hábitos**, que condicionam inconscientemente o

comportamento por consequência de rotinas sociais e educacionais; as **atitudes mentais**, fortemente associadas à afirmação do eu; os **ideais**, estabelecimento dos objetivos a atingir e, por último, o **prazer**, que constitui uma procura inconsciente, mas emotiva, de situações prazerosas. Enquanto que, como fontes externas, identificaram: a **personalidade do professor**, tendo em conta a relação afetiva essencial para um ambiente favorável à aprendizagem; a **influência do meio**, visto que o aluno está dependente do ambiente familiar e social para a formação da sua personalidade; a **influência do momento**, que contempla o equilíbrio do aluno em detrimento da instabilidade emocional e, ainda, o **objeto em si**, elemento que poderá despertar curiosidade motivando o aluno para as aprendizagens.

#### 2.4. Papel do professor

Relativamente ao papel do professor e ao seu desempenho, Bzuneck (2001) distingue duas funções distintas e complementares a serem desempenhadas pelo professor. A primeira é de carácter remediador, e consiste na recuperação de alunos que se apresentam desmotivados ou que apresentam alguma forma de motivação distorcida. A segunda função é de carácter preventivo e permanente, em que o docente deverá assegurar a todos os alunos e durante todo o ano letivo a motivação para aprender.

Na sala de aula as aprendizagens não ocorrem de forma isolada, visto existir o domínio das relações entre alunos e professores. Tal como já foi referido anteriormente, quando a qualidade da relação entre professor e aluno é positiva e cooperativa, os alunos sentem-se apoiados e respeitados pelo professor. No entanto, a qualidade deste relacionamento é influenciado pelos estilos motivacionais do professor e do tipo de modelo de ensino que orienta a sua ação pedagógica. O estilo motivacional do professor relaciona-se com as suas características sociais, psicológicas e emocionais, onde alguns docentes apresentam

personalidades mais autoritárias e, por isso, proporcionam ambientes mais controladores, enquanto outros tendem a promover a autonomia (Guimarães, 2004).

A missão do professor, na ótica de Balancho e Coelho (2008), consiste sobretudo em “identificar e despertar, por meio de processos didáticos e pedagógicos adequados à evolução das crianças e dos jovens, as necessidades, os interesses e, conseqüentemente, as motivações que existem dentro de cada aluno” (p. 47). Para tal, o docente, deverá ser um facilitador das aprendizagens, baseando-se nas metodologias modernas em que se considera o aluno como um agente ativo na construção de novos saberes.

## **2.5. Estratégias promotoras da motivação dos alunos**

Não existem receitas universais, e por isso toda a prática deve ser contextualizada, na medida em que existem casos e causas muito específicas dos alunos que se manifestam desmotivados na realização das tarefas escolares (Jesus, 1996). Assumindo a importância do papel do professor como impulsionador da motivação intrínseca nos alunos, importa referir algumas estratégias potencialmente promotoras da motivação.

A autora Guimarães (2001) cita Ames (1990, 1992), Maehr e Anderman (1993), Maehr e Midgley (1991), Woolfolk (2000), Pintrich e Schunk (1996) para referenciar um anagrama criado por Epstein (TARGET), apresentado na tabela 2, que destaca seis indicadores da situação escolar a serem trabalhados em conjunto e direcionados para a mesma meta onde o professor deverá agir para promover a motivação dos alunos: a natureza das tarefas (Task); as relações de autoridade/autonomia (Authority); os sistemas de reconhecimento (Recognition); os procedimentos de agrupamento (Grouping); as práticas de avaliação (Evaluation) e o uso do tempo em sala de aula (Time).

<b>Área TARGET</b>	<b>Foco de atenção</b>	<b>Objetivos</b>
<b>Tarefa</b>  <b>Autoridade/Autonomia</b>	<p>O planejamento e a estrutura das tarefas ou atividades que os estudantes são solicitados a fazer.</p> <p>A participação dos estudantes nas decisões sobre a escola e a aprendizagem</p>	<p>Aumentar a atração intrínseca das tarefas de aprendizagem, torná-las significativas, despertar a curiosidade, desafio, fantasia e proporcionar controle.</p> <p>Promover liberdade adequada para os estudantes fazerem escolhas e assumirem responsabilidades</p>
<b>Reconhecimento (valorização)</b>	<p>A natureza e o uso do reconhecimento e atribuição de recompensas na situação escolar</p>	<p>Promover oportunidades para que todos os estudantes sejam reconhecidos pela aprendizagem, enfatizar o esforço e o progresso na obtenção de uma meta, a busca de desafios e inovações.</p>
<b>Agrupamento (grouping)</b>  <b>Avaliação</b>	<p>A organização da aprendizagem e das experiências escolares.</p> <p>A natureza e o uso da avaliação e dos procedimentos avaliativos.</p>	<p>Construir um ambiente de aceitação e apreciação para todos os estudantes.</p> <p>Promover uma ampla interação social, particularmente com os estudantes com risco de fracasso. Propiciar o desenvolvimento de habilidades sociais.</p> <p>Tratar a avaliação como parte do processo de ensino-aprendizagem, fornecer amplas informações sobre o desempenho e estratégias de aprendizagem, utilizar padrões auto-referenciados.</p>
<b>Tempo</b>	<p>A agenda do dia escolar.</p>	<p>Utilizar as tarefas de aprendizagem e as necessidades dos estudantes para organizar a agenda.</p>

**Tabela 2** - O Modelo TARGET para promoção da motivação do estudante para aprender (Guimarães, 2001, p.82)

No elemento que se refere à **natureza das tarefas**, sugere-se que estas sejam significativas, diversificadas e que despertem curiosidade no aluno, adequando sempre o nível de dificuldade desta de acordo com o nível de aprendizagem dos mesmos. Também

Carita, Silva, Monteiro e Diniz (1998), referem a importância da existência de tarefas variadas e equilibradamente desafiantes das capacidades dos alunos como promotoras de contextos motivadores da aprendizagem, acrescentando que as aprendizagens associadas às tarefas, quando articuladas com as experiências do quotidiano do aluno, tornam-se mais significativas e, por consequência, mais motivantes. Deste modo, ao serem planificadas, tal como destaca Morgado (1999) é “...fundamental que em todas as circunstâncias se proceda a uma caracterização genérica das motivações e necessidades de aprendizagem presentes nos grupos de alunos.” (p. 31). Para facilitar o processo de desenvolvimento da motivação, o docente deverá basear-se nos interesses e motivações dos alunos procurando integrá-los em tarefas que lhes sejam significativas, para que se torne possível adequar e realizar escolhas mais acertadas ao nível didático- pedagógico. Relativamente ao aspeto da **autoridade/autonomia**, o professor deverá, como já foi referido, apresentar-se como promotor de autonomia, dando liberdade aos alunos para que estes se sintam parte ativa de todo o processo e orientá-los para a realização de escolhas acertadas, inculcando-lhes sentimentos de responsabilidade. O **reconhecimento**, por parte do docente, deverá focar-se no esforço e no progresso pessoal do aluno. A gestão do erro torna-se essencial para que este não se sinta desmotivado, tendo o professor de consciencializar os alunos de que errar faz parte do processo de aprendizagem. As estratégias que solucionem as dificuldades específicas para cada contexto deverão ser encontradas e implementadas pelo professor, tendo presente na sua intenção educativa a valorização das competências e experiências do aluno (Morgado, 1999). O **agrupamento** refere-se à organização das aprendizagens, onde o professor deverá proporcionar o maior número possível de situações de grupo, diversificando os sujeitos e o formato dos agrupamentos, para que desta forma surjam novas interações e novas modalidades de desempenho. A **avaliação** deve ser percebida como parte do processo, fornecendo informações sobre o desempenho e o progresso do aluno, tal como

afirma Guimarães (2001) “a avaliação deve representar, mais do que qualquer outra coisa, uma fonte de informações sobre o desempenho com seus acertos e erros, pontos fortes e problemas, eventualmente com indicação de estratégias que devem ser adotadas para superar os pontos fracos” (p.90). Também Carita, Silva, Monteiro e Diniz (1998) e Jesus (1996), referem que se deverá privilegiar o feedback positivo e informativo, pois permite ao aluno reconhecer o seu esforço e capacidades, ajudando na construção de uma autoimagem positiva e promovendo sentimentos de competência e eficácia. O **tempo** inerente a cada tarefa proposta deverá respeitar as necessidades específicas da atividade em si, bem como as necessidades dos alunos e os seus diferentes ritmos de aprendizagem, de modo a privilegiar a motivação.

## **2.6. Estudo Empírico**

Este relatório sustentou-se no estudo empírico através da Prática de Ensino Supervisionada (PES) como outro contributo relevante capaz de dar resposta às questões inicialmente colocadas. A metodologia utilizada foi de carácter qualitativo, descritivo e interpretativo, que permitiu uma análise e interpretação da realidade observada. Segundo Gray (2012), a observação “não é simplesmente uma questão de olhar algo e depois anotar “os fatos”. Ela é um processo complexo que combina sensação (vista, som, toque, cheiro e até mesmo gosto) e percepção” (p. 320).

Na investigação qualitativa o investigador reúne dados, sobretudo descritivos, que representam experiências pessoais em situações específicas, para melhor se compreender os participantes do estudo, na sua singularidade e complexidade. No que se refere à investigação educacional, Bogdan e Biklen (1994) afirmam que “as estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas atividades, procedimentos e interações diários” (p.49). A recolha do material deve ser fiável e sistemático e deverá

basear-se em aspetos específicos da realidade social, com o fim último de inter-relacionar conceitos que permitam ao investigador compreender essa mesma realidade (Afonso, 2005).

O papel ativo que foi desenvolvido durante a pesquisa permitiu uma observação participante, sem que os comportamentos e as experiências vivenciadas pelos participantes se alterassem em função da presença da estagiária. A recolha de dados traduziu-se, maioritariamente, nas reflexões e conclusões das planificações das atividades, com o intuito de, juntamente com o suporte teórico, compreender a intervenção educativa para uma aprendizagem motivada no 1.º CEB.

### **2.6.1. Participantes**

Os participantes deste estudo foram os alunos do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico e a professora titular da turma onde se desenvolveu a PES. A estagiária (investigadora), teve uma participação ativa ao longo de todo o estudo.

### **2.6.2. Instrumentos e técnicas de pesquisa e recolha de dados**

Os instrumentos e técnicas de recolha de dados foram selecionados tendo em conta a problemática em estudo. Assim, sob a forma de observação direta recolheram-se notas de campo, registos fotográficos e registos dos alunos. As atividades desenvolvidas na PES, propostas pela estagiária, irão ser analisadas com base nas planificações, descrições e avaliações das mesmas.

### **2.6.3. Análise e tratamento da recolha de dados**

A análise dos dados obtidos é de carácter interpretativo com o intuito de compreender a intervenção do docente face à motivação e aprendizagem dos alunos. Como tal, irão ser

analisadas as atividades implementadas pela estagiária de acordo com os indicadores presentes no Modelo TARGET:

1. **Natureza da tarefa;**
2. **Autoridade/Autonomia;**
3. **Reconhecimento e valorização** do trabalho do aluno;
4. **Agrupamento** - Organização das aprendizagens;
5. **Avaliação** do aluno;
6. Gestão do **Tempo**.

## **Capítulo II – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente**

Neste capítulo apresenta-se sucintamente o contexto onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada (PES) elaborada através de observações do ambiente educativo, juntamente com informações que foram cedidas oralmente pela professora cooperante e por documentos oficiais da instituição (Projeto Educativo e o Regulamento Interno). Uma vez que os motivos que conduziram à escolha da temática advieram das observações realizadas no estágio. Os mesmos serão apresentados no presente capítulo.

A PES foi iniciada no dia três de novembro de 2014, tendo terminado a 20 de março de 2015. Este estágio decorreu semanalmente, em concreto, todos os dias da semana, apenas da parte da manhã das 8h30m às 12h00m, salvo algumas exceções onde a estagiária esteve presente na instituição durante o horário realizado pelos alunos, compreendido entre as 08h30m e as 16h00m.

### **1. Caracterização do local de estágio**

#### **1.1. Caracterização da instituição**

O Colégio, onde se realizou a PES, foi fundado em 1950 e passado 23 anos mudou as suas instalações para o local onde se encontra atualmente, tendo vindo a sofrer alterações de forma a dar resposta ao crescente número de alunos. Encontra-se numa zona urbanizada, rodeada de estabelecimentos de combustível, mercearias, cafés, um campo de futebol por detrás do edifício escolar, e ainda uma loja de animais exóticos.

A Instituição acolhe perto de 1200 alunos, que residem maioritariamente nas freguesias circundantes, e identifica-se como um colégio católico, que visa o desenvolvimento integral dos seus alunos, promovendo uma educação assente nos valores cristãos, fundamentado pelo princípio educativo do fundador da Congregação das Irmãs do Amor de Deus, o Padre Jerónimo Usera.

Este estabelecimento de ensino abrange cinco níveis de ensino: educação pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário, onde oferece os cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Artes Visuais e Línguas e Humanidades.

Ao nível do 1º ciclo, as áreas curriculares são trabalhadas em regime de monodocência, com a exceção das Expressões Artísticas e Físico- motoras, onde a Professora Titular é auxiliada semanalmente por docentes de Educação Musical, Educação Física e de Artes Plásticas. As áreas curriculares não disciplinares (Estudo Acompanhado e Formação Cívica) são desenvolvidas semanalmente pelo Professor Titular em conformidade com o projeto curricular de turma. As atividades de enriquecimento curricular, como o Inglês e a Catequese, são da responsabilidade dos respetivos docentes, enquanto que o programa de consciência fonológica, dirigido ao 1º ano de escolaridade, e o projeto Life Skills Training, desenvolvido no 4º ano de escolaridade, são ministrados pelos professores titulares de cada turma.

De forma a completar a formação prevista em cada ciclo e para que os tempos livres possam ser aproveitados de forma útil, o colégio dispõe ainda de um leque variado de atividades extracurriculares que funcionam de segunda a sexta-feira até às 19h30m.

A instituição encontra-se dividida por três pavilhões: o pavilhão destinado ao 2.º e 3.º ciclo e ao ensino secundário, onde se encontra a biblioteca utilizada por todos os alunos, outro pavilhão destinado ao pré-escolar e 1.º ciclo, e também um pavilhão gimnodesportivo, que contém uma piscina, campo para as aulas de educação física e para as atividades desportivas e ainda um palco que é preservado em momentos de atividades físicas, bem como em momentos comemorativos da instituição. Os espaços de recreio encontram-se diferenciados segundo os diferentes níveis de ensino, e as horas de almoço são estipuladas segundo as diferentes valências, assim as de faixas etárias menores almoçam primeiro do que os alunos de uma faixa etária maior.

A comunidade educativa é composta pelos alunos, pelos docentes e não docentes, pela entidade titular e ainda pelos encarregados de educação, que têm sido essências na manutenção e preservação da instituição.

## **1.2. Breve caracterização do grupo de crianças**

A turma na qual foi realizada a prática pedagógica frequenta o terceiro ano do ensino básico, sendo composta por 26 alunos, 14 do género masculino e 12 do género feminino, situando-se na faixa etária dos oito anos de idade. Todos os alunos residem no concelho pertencente da instituição, à exceção de uma criança que reside num concelho próximo.

A maioria das crianças já frequentava a instituição, o que permite a existência de um ambiente bastante amigável, em que todos se conhecem existindo, por esse motivo, uma partilha de interesses em comum, onde as amizades são prolongadas fora do contexto escolar.

Segundo informações cedidas oralmente pela professora titular, o grupo na sua maioria mostra-se interessado e participativo nas atividades desenvolvidas, e os encarregados de educação são presentes e demonstram estar interessados e envolvidos no processo de aprendizagem dos seus educandos.

Duas crianças têm uma vez por semana uma sessão de terapia da fala, e uma outra por aconselhamento da professora titular frequenta a terapia ocupacional.

No que concerne às aprendizagens, através da observação e da interação que foi sendo realizada ao longo da PES, foi possível constatar que as áreas disciplinares preferidas pelo grupo de crianças é o Estudo do Meio, onde demonstraram um grande empenho e motivação nas tarefas que foram sendo propostas, bem como as expressões artísticas devido à ludicidade que a mesma lhes proporciona. No entanto averiguou-se que algumas crianças demonstraram dificuldades em concentrar a atenção no que lhe era solicitado e em manter

uma postura benéfica para a sua aprendizagem em sala de aula. Outros alunos apresentaram um ritmo de aprendizagem mais moroso do que as restantes, especialmente na área da matemática, onde revelam algumas dificuldades no que diz respeito ao cálculo mental e à interpretação dos enunciados, estando esta última competência relacionada com a área do português, domínio da literatura, estendendo-se às restantes áreas curriculares.

No decorrer da PES, foi possível constatar que existe um grupo de crianças que demonstra maior empenho nas tarefas propostas e que se revela mais motivado para as aprendizagens, não só pela sua postura em sala de aula, mas também por pesquisas e trabalhos sobre os temas abordados nas aulas que realizam autonomamente fora do contexto escolar para partilhar com a professora titular e com os colegas.

De uma forma geral a turma distingue-se pelo facto de querer participar constantemente, pelos valores morais que manifestam em situações vivenciadas na escola e fora da mesma, bem como a solidariedade existente entre as crianças, onde no final das tarefas propostas se oferecem para ajudar os colegas com maior dificuldade. São crianças meigas e simpáticas, procuram com frequência o adulto para resolver pequenos conflitos que surgem entre os pares, e necessitam de estar em constante atividade pois se tal não acontecer, surgem comportamentos inapropriados que prejudicam o ambiente em sala de aula.

### **1.3. Caracterização do ambiente educativo da sala de aula e do modelo pedagógico observado**

A sala utilizada por esta turma encontra-se no 1º piso e é uma das maiores salas destinadas para o 1º ciclo, uma vez que anteriormente este espaço era destinado à biblioteca que se encontra atualmente no edifício do 2º ciclo. Tem janelas grandes viradas para o recreio, o que torna este espaço bastante luminoso.

As mesas são individuais com arrumação em baixo e encontram-se dispostas a pares e outras três a três, perfazendo três filas. Os lugares dos alunos foram escolhidos pela professora titular de acordo com as características individuais dos alunos, sendo que os mesmos poderão ser alterados consoante algum comportamento menos adequado dos mesmos.

Existem prateleiras para arrumação dos manuais, livros de fichas e *dossiers* individuais dos alunos, bem como um armário onde está guardado algum material didático. Numa das paredes encontra-se um quadro de ardósia, e por cima do mesmo existe uma tela que é utilizada quando é necessário realizar projeções. Nas restantes paredes existem placards onde estão expostos trabalhos realizados pelos alunos, bem como alguns cartazes alusivos a conteúdos já lecionados.

O modelo pedagógico seguido pela instituição assemelha-se ao ensino tradicional, especialmente quanto à organização do espaço físico e ao recurso dos manuais escolares como guia para lecionar os conteúdos das diferentes áreas curriculares. Por ser uma instituição religiosa, são transmitidos valores cristãos, que permitem uma reflexão sobre os seus próprios comportamentos, orientando-os para o que é certo e errado perante a nossa sociedade. Tal como é referido no projeto educativo da instituição (s.d.), “ (...) propomos e seguimos uma metodologia na qual o próprio aluno tem a parte principal da acção, guiado e orientado pelos educadores, na medida das suas necessidades.” (p.6)

As aulas são previamente planeadas, em conjunto com as restantes professoras das turmas do 3º ano de escolaridade do colégio, para que todos os conteúdos lecionados sejam trabalhados em simultâneo.

A rotina diária da turma começa com o início das aulas às 8.30h, com um momento destinado para a oração da manhã, de seguida são eleitos os ajudantes do dia e o chefe da fila, através de um sorteio com cartões onde estão os nomes dos alunos. Diariamente são

preenchidas pela professora cooperante, as grelhas de presença e de realização dos trabalhos de casa. As aulas prosseguem até ao intervalo da manhã que ocorre entre as 10:15h às 10:45h. Após esta interrupção, os alunos permanecem na sala de aula até ao 12:00h, hora de almoço. Regressam às 13:40h, onde continuam com as aprendizagens na sala. O dia termina às 16h, existindo um intervalo de 10 minutos, das 14:50h às 15:00h, para os alunos lancharem.

São utilizadas pela professora cooperante, diferentes estratégias para gerir o comportamento dos alunos, onde se destaca a grelha que é preenchida diariamente com o recurso a símbolos que representam uma cara, cuja expressão varia consoante o comportamento dos mesmos. A atribuição do símbolo é individual e discutida em grande grupo, momento em que cada aluno reflete sobre os seus comportamentos, com o auxílio dos seus colegas e da professora titular. Para gerir os comportamentos do grande grupo, a professora titular recorre à utilização do desenho de uma cara no quadro, onde também cuja expressão vai variando conforme o comportamento dos alunos.

#### **1.4. A prática e a definição da problemática da investigação**

Através das observações que foram sendo realizadas ao longo da PES, confrontadas com conversas estabelecidas com a professora titular, foi possível constatar algumas diferenças quanto ao empenho que os alunos demonstram para as aprendizagens do currículo. Por um lado a turma é constituída por um grupo de alunos que se destaca positivamente, uma vez que apresentam uma forte motivação para as aprendizagens, onde tentam superar as dificuldades que sentem, procurando sempre encontrar uma resposta às suas questões. Por outro lado, existe um grupo de alunos que depende muito da professora e, que apesar de ser participativo e curioso, perante tarefas mais desafiadoras desiste facilmente, apresentam sentimentos de frustração ou de desinteresse, estando por isso

desmotivado uma vez que segundo Bzuneck (2001) “...denomina-se desmotivado (e este é um conceito puramente descritivo) o aluno que não investir seus recursos pessoais, ou seja, que não aplicar esforço, fazendo apenas o mínimo, ou se desistir facilmente quando as tarefas lhe parecerem um pouco mais exigentes” (p.12).

Foi, também, possível identificar que a falta de motivação por parte de alguns alunos poderia derivar dos seguintes fatores: as aulas são planejadas para o grande grupo, e devido às exigências do currículo e de prazos a cumprir, não é tido em conta os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos; opta-se por seguir o manual como recurso para lecionar os conteúdos em detrimento de atividades estimulantes com vista às aprendizagens significativas e, ainda, opta-se por trabalhos individuais, o que poderá provocar um sentimento de impotência sobre a sua própria aprendizagem, não havendo possibilidades de escolha.

Refletindo sobre este assunto foi possível definir a temática central da presente investigação, bem como as questões norteadoras da mesma, tentando na prática proporcionar atividades que aumentassem a motivação dos alunos que se encontravam mais desmotivados, não esquecendo de implementar propostas que fossem igualmente motivantes e desafiadoras para os alunos que já possuíam uma forte motivação.

Considerando que o professor influencia as orientações motivacionais dos alunos, e partindo dos pressupostos defendidos pela Teoria da Autodeterminação que sugere um *continuum* onde as mesmas podem ser alteradas com a intervenção do docente, torna-se essencial que a estagiária regule a sua intervenção educativa.

É de salientar que apesar de se ter tentado implementar atividades que tivessem em conta a motivação dos alunos, nem sempre esse objetivo foi cumprido, pois em termos curriculares este grupo de crianças tinha de estar em concordância com as restantes turmas

do 3º ano, por essa razão, algumas das atividades desenvolvidas pela estagiária tiveram que se submeter a essa situação.

### Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

A análise dos dados provenientes da PES (planificações, descrições e avaliações das atividades implementadas) é realizada na perspetiva das estratégias a serem utilizadas pelo docente com o intuito de promover a motivação do aluno sustentada pelos indicadores presentes no Modelo TARGET. A escolha das planificações apresentadas teve como critério as que mais proporcionaram uma aprendizagem motivada para os alunos da turma com quem se desenvolveu o estágio. Uma vez que na maioria das outras atividades não analisadas neste relatório, teve-se em consideração o modelo adotado pela docente, tendo-se recorrido ao manual, bem como a fichas de trabalho.

Neste âmbito, as atividades selecionadas foram quatro, sendo elas: a Planificação I – descobrir o passado no meio local (Anexo 1), a Planificação III – texto coletivo com adjetivos qualificativos e seus antónimos (Anexo 2), a Planificação VII – sistema digestivo (Anexo 3) e a Planificação IX – cartazes sobre os sistemas do corpo humano (Anexo 4).

#### 1. Planificação I - Descobrir o passado do meio local (Anexo 1)

Esta tarefa consistiu na realização de um trabalho de grupo com o objetivo de conhecer, através de alguns parâmetros, os vestígios do passado que se encontram presentes no meio envolvente dos alunos (local de residência). Os indicadores que se enquadram nesta atividade referem-se à natureza da tarefa, à autoridade/autonomia, ao reconhecimento e valorização do trabalho do aluno, ao agrupamento - organização das aprendizagens (agrupamento), à avaliação e à gestão do tempo.

Indicadores	Análise da Planificação I
Natureza da tarefa	A representar este indicador está o facto de se ter tido em conta o ajustamento dos temas relativamente ao número e às dificuldades dos

	<p>alunos de cada grupo formado, de modo a adequar o grau de dificuldade da tarefa com o nível de aprendizagem dos mesmos. Byrnes (1996) elucida sobre o nível de dificuldade implícito nas tarefas para que a mesma se torne desafiante e não frustrante “(...) a instrução deveria estar “à frente” do actual nível de domínio da criança. Ou seja, os professores deveriam ensinar no âmbito da zona de desenvolvimento próximo” (p.33). O facto de a temática estar relacionada com o meio envolvente dos alunos torna os conteúdos mais concretos, ou seja, que não se afastam da realidade, uma vez que segundo Roldão (2004), é “a realidade em que está mergulhado afetivamente” (p.26), por isso, de fácil entendimento para os alunos.</p> <p>A estagiária ao perspetivar a atividade teve em consideração a sugestão da professora cooperante, no entanto, tendo em conta, em particular, a motivação destes alunos houve necessidade de recorrer ao meio digital para ilustrar as características do concelho mencionado (brasão e bandeira, gastronomia, figuras históricas, monumentos e estátuas, narrativas de tradição oral, atividades económicas, trajes regionais, jogos populares, festas e romarias).</p>
<p><b>Autoridade/Autonomia</b></p>	<p>Relativamente à organização dos grupos é de salientar neste indicador que a estagiária optou por deixar ao critério dos alunos quais os colegas com quem queriam trabalhar, deste modo, a formação autónoma dos mesmos fez transparecer as relações de afinidade da turma. Ainda é importante salientar que a elaboração do trabalho de grupo, apesar de ter tido a orientação do adulto, teve muitos aspetos de decisão autónoma de grupo, tais como os recursos a utilizar, as funções de cada aluno para o</p>

	desenvolvimento do trabalho, as informações relevantes para o assunto a tratar e as estratégias a utilizar ou recorrer para adquirir a informação necessária.
<b>Reconhecimento e valorização</b>	Como consequência desta abordagem e tema, alguns alunos quiseram partilhar com a docente e com a estagiária trajes e gastronomias abordados nos trabalhos desenvolvidos. A atitude destes alunos foi valorizada ao se ter sugerido a partilha dessas referências culturais e de saberes desse mesmo aluno para com os colegas.
<b>Agrupamento - Organização das aprendizagens</b>	Guimarães (2001) e Morgado (2004) partilham da premissa de que o docente deve diferenciar a constituição dos grupos (diferentes sujeitos e n.º de elementos) para que surjam novas interações e modalidades de desempenho, em que o docente deve apresentar intencionalidade educativa sobre a opção tomada. Nesta atividade foi dada a oportunidade de escolha aos alunos quanto aos elementos do grupo, sustentada no facto de ser a primeira intervenção da estagiária e de ser uma estratégia diferente da habitual, nomeadamente, quanto à constituição de grupos para o processo ensino/aprendizagem. Existiu, apenas, a indicação que teriam de ser formados seis grupos, dois deles com cinco elementos e os restantes grupos com quatro. Os alunos organizaram-se sozinhos não existindo atritos durante a organização dos grupos de trabalho.
<b>Avaliação</b>	A avaliação foi realizada ao longo da elaboração dos trabalhos aquando da orientação da estagiária no processo de construção. A apresentação destes também foi alvo de avaliação, tendo-se tido em conta os recursos materiais utilizados (ex: grupo da gastronomia, trouxe areias), o domínio da temática por cada aluno e as estratégias utilizadas

	pelos mesmos para a apresentação. O <i>feedback</i> dado a cada grupo teve em conta estes domínios mostrando os pontos positivos e mostrando e levando a refletir sobre de que forma se poderia melhorar.
<b>Gestão do tempo</b>	A atividade prolongou-se para que houvesse uma interação entre a escola e a família, na medida em que os familiares constituíram uma fonte de informação. Desta forma, a apresentação dos trabalhos de grupo tiveram lugar num dia diferente do lançamento da atividade.

## 2. Planificação III- Texto coletivo com adjetivos qualificativos e seus antónimos

### (Anexo 2)

Esta tarefa teve como objetivo principal a consolidação de conhecimentos sobre os adjetivos qualificativos e os antónimos. Por essa razão, partiu-se da leitura e interpretação do texto “Rapaz magro, a rapariga gorda” de Luísa Ducla Soares, para fazer o levantamento de palavras que são simultaneamente adjetivos e contrários. Elegeu-se somente uma das combinações encontradas para a criação de um texto coletivo. Promoveu-se a constituição de grupos. Cada grupo teria que criar e ilustrar frases, tendo como fio condutor as palavras escolhidas, para que no final e em grande grupo se procedesse à organização da história (Anexo 9). Inerentes a esta planificação estão os seguintes indicadores: a natureza da tarefa, o agrupamento - organização das aprendizagens, a avaliação e a gestão do tempo.

<b>Indicadores</b>	<b>Análise da Planificação III</b>
<b>Natureza da tarefa</b>	A tarefa teve como objetivo a aplicação dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos, relativamente aos adjetivos. A escolha da leitura de textos da Luísa Ducla Soares justifica-se pelo benefício com o contacto com a literatura, pelo seu carácter inferencial, ou seja, ao sermos capazes de a compreender somos capazes de a apreciar.

	<p>Ainda se justifica, pelo facto de a obra desta autora “Tudo ao contrário” abranger o conteúdo gramatical a ser consolidado – os adjetivos qualificativos. Optou-se pela elaboração de um texto em grupo e, posteriormente, coletivo, com base na leitura e observação da estrutura frásica escrita pela autora. Ao se incluir o trabalho de grupo pretendeu-se desenvolver a cooperação entre os alunos.</p>
<p><b>Agrupamento - Organização das aprendizagens</b></p>	<p>Nesta atividade a estagiária optou por organizar a turma em grupos, com consciência dos seus benefícios e promovendo a cooperação entre os alunos, em detrimento do trabalho individual comum na turma. Para além de se ter incluído esta forma de organização de trabalho, também se incluiu a função de porta-voz. Inicialmente, os elementos dos grupos não estavam em concordância relativamente à escolha do aluno que iria representar este papel. Perante esta dificuldade da turma, foi sugerido pela estagiária, que em cada grupo houvesse votação por todos os elementos para diminuir o conflito e aumentar a cooperação através de uma decisão mais democrática.</p> <p>Está demonstrado na reflexão da planificação e na Nota de Campo 2 (Anexo 5) uma situação de um aluno descontente por integrar um grupo composto por elementos do género feminino. É do conhecimento da estagiária que a relação entre crianças desta idade dá-se com mais facilidade entre o mesmo género, e por isso quando existem trabalhos de grupo, estes tendem a procurar os colegas com os quais têm mais afinidade. Para contrariar esta tendência, a constituição dos grupos foi escolhida segundo os lugares habituais</p>

	<p>dos alunos. Acerca deste assunto Guimarães (2001) refere que “Uma estratégia que pode eliminar os vícios homogêneos e cristalizados é propor um movimento na sala que leve à formação de grupos com alunos que ainda não trabalharam juntos.” (p.88). Nesta situação tentando que o aluno não ficasse frustrado e desinteressado, foi-lhe explicado que já tinham tido oportunidade para escolher os elementos para os grupos. Apesar do aluno não reagir bem a situações controversas à sua vontade, observou-se a sua integração no grupo ao colaborar com as colegas, após conversa com a estagiária.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>A avaliação fez parte do processo de aprendizagem, ao ter-se observado e orientado a organização dos alunos, a elaboração dos trabalhos em grupo e a apresentação dos mesmos. Após cada apresentação foi dado o <i>feedback</i> pela estagiária quanto aos três aspetos acima referidos. Os alunos foram confrontados com uma avaliação informativa sobre todo o seu desempenho ao longo da elaboração e apresentação das frases inventadas. Os aspetos positivos foram enaltecidos, como por exemplo, o facto de terem realizado mais frases, e chamou-se a atenção para a constatação de terem aproximado as suas frases às do texto original. Para o grande grupo deu-se o <i>feedback</i> quanto à escolha do porta-voz dando a sugestão de uma votação, por se ter verificado dificuldade, por parte dos alunos, em respeitar opiniões diferentes para chegar a um consenso. Estas informações orientaram o aluno/turma para a tarefa em questão, mas também irá ajudá-los a ter em atenção aspetos similares num</p>

	próximo trabalho.
<b>Gestão do tempo</b>	A gestão do tempo prevista na planificação revelou-se insuficiente perante o empenho demonstrado pelos alunos ao realizarem mais frases do que o solicitado. A solução encontrada pela estagiária seguiu a idealização de que se deve respeitar o ritmo dos alunos, por essa razão foi alargado o prazo para a elaboração da atividade. Ao se ter em consideração as características dos alunos, está-se a promover a motivação, tal como está descrito na revisão da literatura deste relatório.

### 3. Planificação VII – Sistema Digestivo (Anexo 3)

A planificação da presente tarefa tinha como objetivo conhecer as funções do sistema digestivo, assim como identificar alguns órgãos correspondentes do mesmo. Antes de iniciar a aula, foi realizado um levantamento dos conhecimentos dos alunos (Anexo 6) acerca da temática e um registo escrito dos mesmos pela estagiária. A aula foi implementada com o recurso a um cartaz ilustrativo do corpo humano (Anexo 8), onde, à medida que se dava a conhecer o funcionamento do sistema digestivo, eram coladas imagens representativas dos órgãos, bem como a sua legenda. A turma assistiu ainda a uma experiência que simulava a transformação que os alimentos sofrem durante a digestão. No final, a estagiária projetou os conhecimentos revelados pelas crianças no início da aula, onde estas puderam confrontar as aprendizagens adquiridas. A reflexão desta planificação irá debruçar-se sobre a natureza da tarefa, agrupamento - organização das aprendizagens, a avaliação e a gestão do tempo.

<b>Indicadores</b>	<b>Análise da Planificação VII</b>
<b>Natureza da tarefa</b>	<p>A tarefa foi projetada para que os alunos pudessem usufruir de uma aprendizagem no concreto ao visualizarem os variados processos do sistema digestivo, mas também dando a oportunidade de as crianças manipularem os materiais selecionados para a atividade. Estes foram de tamanho adequado para que todos os alunos os pudessem ver claramente. A lógica de pensamento (contextualização dos conteúdos, observação da experiência e reflexão sobre o sistema) aplicada na intervenção da estagiária permitiu que os alunos refletissem sobre a temática desenvolvida promovendo a aprendizagem significativa e a motivação dos alunos, na medida em que se procurou averiguar o real conhecimento dos educandos, tal como é possível verificar no Anexo 6.</p>
<b>Agrupamento – organização das aprendizagens</b>	<p>A participação dos alunos nesta atividade realizou-se no âmbito individual, mas expositivo. Os alunos iam ao quadro colocar, numa imagem representativa do corpo humano (Anexo 8), um órgão do sistema digestivo, explicando aos colegas o seu nome e função, após explicação da estagiária.</p> <p>Este tipo de participação poderia comprometer a motivação se a estagiária não tivesse proporcionado este momento de ida ao quadro a todos os alunos que se mostraram interessados em participar.</p>

<p><b>Avaliação</b></p>	<p>A avaliação desta atividade realizou-se em duas dimensões: auto e heteroavaliação. A autoavaliação dos alunos foi, de certa forma, inconsciente ao não ter sido verbalizado que era uma avaliação, pois proporcionou-se um momento de conversa, em que as crianças confrontavam os conhecimentos prévios (Anexo 6), registados pela estagiária, com as aprendizagens adquiridas durante a tarefa. A heteroavaliação foi realizada pela estagiária relativamente à exposição dos alunos para falarem sobre determinado órgão e quanto ao confronto dos conhecimentos. Durante as idas ao quadro, a estagiária deu um <i>feedback</i> acerca do que cada aluno referia sobre o órgão a falar. Desta forma, a avaliação fez parte do processo de aprendizagem com o intuito de ser, tal como afirma Guimarães (2001) ”uma fonte de informações sobre o desempenho com seus acertos e erros, pontos fortes e problemas, eventualmente com indicação de estratégias que devem ser adotadas para superar os pontos fracos” (p.90).</p>
<p><b>Gestão do tempo</b></p>	<p>De acordo com este indicador deve-se ir ao encontro das necessidades dos alunos, nesse âmbito, a estagiária disponibilizou mais tempo para que toda a turma pudesse explorar e satisfazer a curiosidade demonstrada durante a tarefa pelos materiais utilizados para a experiência sobre a transformação dos alimentos (digestão). Este momento foi potenciador da motivação intrínseca visto ter sido um pedido dos alunos, que foi concedido.</p>

#### 4. Planificação IX- Cartazes sobre os sistemas do corpo humano (Anexo 4)

A presente tarefa consistiu na realização de um trabalho de grupo, tendo sido implementada em dois momentos: na parte da manhã foi realizado o seu lançamento, bem como a organização dos elementos dos grupos e a atribuição dos temas pela estagiária com o auxílio da professora cooperante. Foi concretizado, também o preenchimento de uma folha orientadora que permitiu que os alunos realizassem uma pequena planificação do que iriam fazer (Anexo 7). Na parte da tarde, deu-se início à tarefa através da leitura de alguns textos relativos a cada um dos sistemas. A estagiária realizou a leitura modelo de um deles e, posteriormente, foi pedindo a alguns alunos para realizarem a leitura dos restantes, com o intuito que cada grupo identificasse o sistema do corpo humano que lhes tinha sido atribuído. Os alunos iniciaram a elaboração dos cartazes (Anexo 10), concluindo-os no decorrer da semana. A tarefa finalizou com a apresentação dos cartazes à turma.

A reflexão desta atividade irá incidir-se na natureza da tarefa, na autoridade/ autonomia, no agrupamento - organização das aprendizagens e na gestão do tempo.

<b>Indicadores</b>	<b>Análise da Planificação IX</b>
<b>Natureza da tarefa</b>	Esta tarefa surgiu da motivação manifestada pelos alunos sobre o cartaz realizado pela estagiária referente ao sistema digestivo, por isso, considerou-se pertinente que, para os outros sistemas, fossem elaborados cartazes semelhantes pelos alunos. Tal como defende Sanches (2001) “os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir. (...) É preciso pôr os alunos a fazer e não só a ouvir” (p.45). A atividade teve como objetivo a consolidação dos conhecimentos adquiridos quanto aos diferentes sistemas do corpo humano, promovendo as áreas de português e de expressão plástica. A seleção de textos para a

	<p>atividade foi ao encontro dos sistemas tratados para o lançamento da tarefa, por se considerar que é essencial a estimulação à leitura, visto que o contacto com novas histórias, vocabulário e estruturas frásicas deve ser realizado diariamente para que o aluno evolua ao nível da escrita e do enriquecimento do próprio vocabulário. Para além desta constatação, a dinâmica inserida nos textos teve um propósito lúdico, pois cada grupo teria de estar atento aos textos para identificar qual o sistema retratado em determinada história. Com o intuito de ir ao encontro da motivação dos alunos.</p> <p>Devido às experiências anteriores com a turma, relativo aos trabalhos de grupo, a estagiária pensou numa solução para moderar o ruído que poderia surgir na execução dos cartazes, nomeadamente, uma música de fundo.</p>
<b>Autoridade/Autonomia</b>	<p>Nesta atividade a autonomia foi promovida quanto à escolha dos colegas com quem queriam trabalhar e quanto aos materiais a serem utilizados para a realização dos cartazes. A folha da planificação entregue aos grupos promoveu a autonomia, tendo como consequência uma menor intervenção do adulto durante a elaboração dos cartazes.</p>
<b>Agrupamento - Organização das aprendizagens</b>	<p>Os alunos tiveram oportunidade de escolher os elementos constituintes dos grupos, bem como o seu porta-voz. Durante a constituição dos mesmos, foi possível observar que a escolha dos elementos deixou de estar relacionada com a questão das afinidades. Durante o lançamento da tarefa foi entregue a cada grupo uma folha orientadora (Anexo 7), que funcionou como uma</p>

	<p>pequena planificação do trabalho que iriam realizar. Com este novo instrumento, pretendeu-se facilitar a organização do mesmo pela extensão do que era proposto, pois tal como menciona Guimarães (2001) “a maneira como o professor irá dirigir-se aos grupos, pode ser um importante determinante motivacional, revelando aos alunos o que está sendo valorizado naquela situação” (p.88). Este documento orientava os grupos quanto à elaboração do sistema atribuído, tendo que identificar qual o seu nome, tanto do tema como do grupo; quais os materiais a serem utilizados; quais os órgãos a serem desenhados e tinha reservado um espaço para desenharem o esboço do sistema antes de o construírem no cartaz.</p> <p>A escolha do porta-voz foi realizada autonomamente pelos grupos de trabalho, não sendo necessária a intervenção do adulto, tal como aconteceu na planificação III.</p>
<b>Gestão do tempo</b>	<p>Através de uma reflexão acerca das planificações e tarefas implementadas anteriormente, foi possível ter uma melhor perceção dos alunos quanto às suas necessidades e ritmos adequando esse conhecimento para esta tarefa. Por essa razão, definiu-se uma data para a finalização dos cartazes. Em relação a esta questão Guimarães (2001), sugere que “a organização do tempo deve respeitar as necessidades inerentes às atividades de aprendizagem planejadas e às reais necessidades dos alunos, especialmente seus diferentes ritmos, para que se possa contribuir efetivamente para a criação de um clima favorável à meta a aprender” (p.92).</p>

## Capítulo IV - Considerações Finais

Neste capítulo serão apresentadas as respostas às questões-problema inerentes à temática abordada ao longo do estudo, interligando o referencial teórico mencionado no capítulo I com a prática pedagógica realizada pela estagiária. A análise crítica acerca da investigação será apresentada no final do presente capítulo, com objetivo de refletir acerca do conhecimento adquirido durante todo o processo para que este possa contribuir para a futura prática profissional.

### 1. Respostas às questões do capítulo I

#### 1.1. Que tipos de motivação existem nos alunos?

Diversos autores fazem uma distinção entre a motivação intrínseca e a motivação extrínseca. No entanto a TAD, sustentando-se nesta disparidade e baseada nas três necessidades básicas de autonomia, competência e relacionamento, propõe um modelo conceptual que contempla quatro tipos de motivação extrínseca (tabela 1) considerando-os como formas de regulação do comportamento que serão promotores da aprendizagem e do desenvolvimento dos alunos.

Durante as observações realizadas durante a PES foi possível constatar, através das observações diretas, das intervenções realizadas pelos alunos e pelas conversas estabelecidas com a professora cooperante, a existência de diferentes tipos de motivação nos alunos. Deste modo, procedeu-se a uma avaliação e reflexão dos comportamentos destes, com o intuito de identificar aspetos relevantes que permitissem averiguar a sua motivação para as aprendizagens. Embora não se tenha conseguido identificar individualmente os níveis autorregulados da motivação extrínseca propostos pela TAD, conseguiu-se ter uma perceção global acerca da motivação da turma. Assim, constatou-se a existência de um grupo de alunos motivado para as aprendizagens, uma vez que, segundo Bzuneck (2001), “os efeitos

imediatos da motivação do aluno consistem em ele envolver-se ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem” (p.11). Verificou-se também a presença de um grupo de alunos que se encontravam desmotivados, pois segundo o mesmo autor citado anteriormente “denomina-se desmotivado (e este é um conceito puramente descritivo) o aluno que não investir seus recursos pessoais, ou seja, que não aplicar esforço, fazendo apenas o mínimo, ou se desistir facilmente quando as tarefas lhe parecem um pouco mais exigentes” (p.12). Para facilitar a identificação pormenorizada dos tipos de motivação dos alunos, a estagiária poderia ter recorrido à utilização de questionários junto dos mesmos, a fim de melhor perceberem em que níveis de motivação se enquadravam.

### **1.2. Qual o papel do professor na motivação dos alunos no processo de ensino/aprendizagem?**

Neste relatório faz-se referência ao professor como o principal agente da mobilização e manutenção da motivação dos alunos.

É de salientar, também, que o professor constitui um modelo motivacional para os seus alunos, tornando-se, por isso essencial, que este faça uma constante reflexão acerca dos seus comportamentos e do tipo de modelo pedagógico que orienta a sua intervenção para, mais eficazmente, potenciar a motivação dos alunos.

Durante a prática pedagógica, a estagiária teve sempre em conta a dificuldade, o ritmo, o quotidiano e o tipo de motivação do aluno para promover a aprendizagem significativa. A estagiária pretendeu estabelecer um ambiente impulsionador de autonomia implícito nos trabalhos de grupo, potenciando a cooperação entre os alunos e a fomentação da procura de respostas às dúvidas ou curiosidades individuais.

Devido à sua experiência pedagógica, é do conhecimento da estagiária que, para que o impacto do professor seja sentido no aluno, é fundamental a existência de uma relação

afetiva entre ambos, para que o educando se sinta amado e consiga estabelecer vínculos positivos com o docente. Por essa razão, procurou promover sentimentos de confiança no aluno, através da gestão do erro e do feedback positivo e informativo, fortalecendo, assim, a relação entre aluno/estagiária. De acordo com Guimarães (2001), referindo-se à necessidade básica de relacionamento e pertença, menciona que este último deverá “promover em sala de aula um contexto de relação segura, através do interesse e disponibilidade a respeito das necessidades e perspectivas dos alunos” (p.42), potenciando, desta forma, o reconhecimento do papel do professor no seu processo de aprendizagem.

### **1.3. Que estratégias pedagógicas potenciam a motivação dos alunos para as tarefas em sala de aula?**

Uma vez que a motivação do aluno pode variar consoante os conteúdos programáticos que lhe são apresentados, o professor deverá encontrar estratégias, para que as tarefas que lhes são propostas sejam estimulantes e envolventes. Como tal, as estratégias motivacionais mencionadas no capítulo I, fazem referência apenas aos indicadores previstos no modelo TARGET, que poderão através da ação do docente potenciar a motivação.

No capítulo III do presente estudo, é possível observar algumas planificações e reflexões, em que estes seis indicadores (natureza da tarefa, relações de autoridade/autonomia, reconhecimento do trabalho do aluno, organização das aprendizagens, avaliação e gestão do tempo) são notórios.

As planificações e implementações das tarefas propostas pela estagiária tiveram que obedecer a alguns requisitos da docente, o que, por vezes, dificultou e condicionou a intervenção desta. Embora a professora cooperante implementasse na sua prática estratégias promotoras de autonomia ao nível da rotina da sala (ajudante do dia, chefe de fila, ...), a

dinâmica presente nas suas propostas de trabalho, caracterizava-se essencialmente pelo recurso a fichas e ao manual do aluno, para lecionar os conteúdos. Numa tentativa de reverter esta situação e apelando à motivação dos alunos, a estagiária procurou essencialmente desenvolver a cooperação com recurso aos trabalhos de grupo, fomentar a responsabilidade e a autonomia e desenvolver uma interação positiva com os alunos, baseando-se desta forma, nas três necessidades básicas defendidas pela TAD. Os recursos materiais utilizados para responder pedagogicamente às especificidades da turma, foram diversificados tanto ao nível do tipo de material (suportes digitais, materiais manipuláveis, maquetes) como da sua origem (umas vezes elaborados pela estagiária e outras pelos alunos).

## **2. Considerações finais**

A investigação presente neste relatório, sustentada por uma preocupação sobre uma prática educativa voltada para a aprendizagem motivada no 1º CEB, permitiu a consciencialização do desafio constante a que o docente está sujeito, uma vez que este tem que ter em consideração um conjunto de especificidades do aluno. A planificação das tarefas exige do docente uma adequação dos conteúdos às necessidades do grupo e de cada criança, apresentando-as com a finalidade de desencadear uma interação entre a promoção e o aumento da motivação dos alunos, possibilitando aprendizagens significativas.

Arends (1995) cita Csikszentmihalyi (1990) para fazer referência aos principais obstáculos sentidos pelos alunos durante as aprendizagens, mencionando que estes não resultam da sua capacidade cognitiva, mas sim da forma como são organizadas as escolas e as tarefas didáticas, que tendem a inibir a motivação intrínseca. Assim, considera-se que o professor, ao verificar que as estratégias utilizadas não estão a funcionar, terá de refletir sobre as suas opções pedagógicas, uma vez que a força motivadora de uma determinada

estratégia não resulta por si só, mas sim da interação existente entre esta com as características motivacionais de cada aluno.

É possível concluir que um ensino desafiador e cooperativo desenvolve, no aluno, atitudes positivas pela escola e uma maior independência, aumentando desta forma a confiança nas suas competências, o que o conduzirá à adoção de comportamentos mais autodeterminados, atingindo ou aproximando-se do nível desejável de motivação (intrínseca).

Durante a PES, tentou-se sempre interagir e intervir de forma a cativar a atenção e o interesse dos alunos. A constante avaliação e reflexão das tarefas implementadas, permitiram constatar os aspetos positivos e os aspetos a melhorar, procurando constantemente novas soluções e estratégias, para tornar a prática, cada vez mais assertiva. Tal como refere Portugal (2002), “desenvolver uma consciência crítica e reflexiva sobre a práxis pedagógica, levará os educadores a continuar a construir o seu saber ao longo de todos os anos em que desempenharem o papel de educadores/professores” (p.17). Assim, uma contínua reflexão da prática através de um espírito crítico e investigativo constituem fatores de enriquecimento pessoal e profissional.

O presente relatório permitiu obter um maior conhecimento da temática abordada, através da interligação da leitura teórica realizada com toda a ação desenvolvida na PES. No futuro será possível adotar metodologias e práticas educativas mais conscientes acerca da motivação dos alunos em contexto escolar.

É reconhecida a complexidade de motivar os alunos para as aprendizagens do currículo, sobretudo por estes viverem atualmente num mundo facilitador. Um exemplo desta realidade são as novas tecnologias onde as crianças conseguem obter recompensas imediatas e uma diversidade de estímulos constante, contrariando o panorama habitual das aprendizagens educativas, que exige esforço e persistência. No entanto, é obrigação de todo

o professor assumir o papel fundamental que desempenha na sociedade, visto poder contribuir significativamente para reverter esta situação, pois segundo Morgado (2001) “compete-nos a nós, educadores, «alimentar» a necessidade ou motivação para aprender” (p.31).

Conclui-se que na prática da estagiária, bem como na de qualquer docente, deverá dar-se oportunidade ao aluno de se sentir agente ativo na sua aprendizagem, valorizando a motivação e a relação afetiva de ambos, para além de que deve integrar na sua prática pedagógica as mudanças sociais e educativas que irão ocorrendo ao longo das gerações.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação; um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Amadora: McGraw-Hill
- Balancho, M.J. e Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Byrnes, J. (1996). *Cognitive development and learning in instructional contexts*. Boston: Allyn and Bacon
- Bzuneck, J. *A motivação do aluno aspetos introdutórios*. In Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. (orgs). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.9-36.
- Carita, A., Silva, A.C., Monteiro, V., & Diniz, T. (1998). *Como ensinar a estudar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2a edição). Porto Alegre: Penso.
- Guimarães, S. (2001). *Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula*. In: Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. (orgs). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.37-57
- Guimarães, S. e Boruchovitch, E (2004). *O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: Uma Perspectiva da Teoria da Autodeterminação*.
- Jesus, S. (1996). *Influência do professor sobre os alunos*. Lisboa: Edições Asa.
- Jesus, S. (2000). *Motivação e formação de professores*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Lieury, A. & Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

- Morgado, J. (2001). *A Relação Pedagógica – Diferenciação e Inclusão*. Lisboa, Editorial Presença
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação- Um desafio para os professores*. Barcarena: Editorial Presença.
- Morgado, J. (2009). *Educação inclusiva nas escolas actuais: Contributo para a reflexão* in Congresso International Galego-Português de Psicopedagogia, 10, 2009. Braga:Universidade do Minho.
- Nóvoa, A. (2007). *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo* in Palestra de António Nóvoa, 18, 2007. São Paulo: SINPRO-SP.
- Portugal, G. (2002). *Dos primeiros anos à entrada para a escola- transições e continuidades nas funções emocionais da maturidade escolar*. Aprender, Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre nº 26, Set/2002, p. 9-16.
- Roldão, M. D.(2004). *Estudo do Meio no 1º ciclo- Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Porto Editora.
- Sá, I. (2004). *Os Componentes Motivacionais da Aprendizagem Auto-regulada – A Autodeterminação e a Orientação para Objectivos*. Actas de Comunicaciones do 2º Congresso Hispano-Português de Psicologia. Lisboa.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Veríssimo, L. et al. (2013). *Melhorar a escola: Sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH) & Serviço de Apoio à Melhoria das Escolas (SAME) Universidade Católica Portuguesa

### **Webgrafia**

- Ryan, R. M. (2009). *Self-determination theory and wellbeing*.

Acedido a 25 de novembro em:

[http://www.welldev.org.uk/wed-new/network/research-review/Review\\_1\\_Ryan.pdf](http://www.welldev.org.uk/wed-new/network/research-review/Review_1_Ryan.pdf)

## Anexos

## Anexo 1

## Planificação I

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Data e duração
3º Ano- 26 alunos	Estudo do Meio	Descobrir o passado do meio local	18/11/2014 – 1 Hora (das 11:00h às 12:00h)

Domínios/ Conteúdos Programáticos	Metas/Objetivos	Operacionalização (descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
O passado do meio local	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Conhecer factos, figuras e vestígios do passado local</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral...</li> <li>➤ Conhecer fatos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas...).</li> <li>➤ Conhecer vestígios do passado local: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construções;</li> <li>- Alfaias e instrumentos antigos e atividades a que estavam ligados;</li> <li>- Costumes e tradições locais;</li> <li>- Feriado municipal (acontecimento a que está ligado).</li> </ul> </li> <li>➤ Reconhecer a importância do património histórico local</li> </ul>	<p>Diálogo com os alunos</p> <p>Trabalho de grupo</p>
<b>Razão de escolha da tarefa:</b>	A escolha da tarefa foi dada pela professora cooperante, visto que se estava a iniciar um novo tema do manual.		

<b>Metodologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação do novo tema do manual- O Passado do Meio Local;</li> <li>➤ Leitura e exploração da informação do tema através do manual de Estudo do Meio;</li> <li>➤ Visualização de um vídeo referente a esta temática presente na escola virtual;</li> <li>➤ Apresentação de um PowerPoint realizado pela estagiária com informação sobre o concelho de residência dos alunos;</li> <li>➤ Lançamento da proposta de trabalho;</li> <li>➤ Escolha dos elementos dos grupos;</li> <li>➤ Atribuição dos temas a cada grupo.</li> </ul>
<b>Ação do professor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ouvir os alunos</li> <li>➤ Orientar na elaboração dos trabalhos de grupo</li> </ul>
<b>Organização dos alunos</b>	Nos seus lugares habituais
<b>Comunicação dos resultados</b>	Ao longo da semana e na apresentação do trabalho realizado por cada grupo à restante turma
<b>Recursos materiais</b>	<p>Para a aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Portátil</li> <li>➤ Projetor</li> <li>➤ Manual de Estudo do Meio</li> </ul> <p>Para a realização do trabalho de grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Cartolinas</li> <li>➤ Marcadores</li> <li>➤ Cola</li> <li>➤ Informações sobre cada tema</li> <li>➤ Tesoura</li> </ul>
<b>Recursos humanos</b>	Os alunos, a Professora Titular e a estagiária
<b>Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos</b>	Na escolha dos elementos para o trabalho de grupo, as crianças vão escolher segundo um critério de afinidades, uma vez que a escolha é livre.

<p><b>Previsão de dificuldades / erros</b></p>	<p>Uma vez que a escolha dos grupos é livre, os temas irão ter que ser definidos com a ajuda da professora cooperante, tendo em conta as dificuldades de cada um.</p> <p>Algumas crianças poderão não conseguir recolher informação em casa para a realização do trabalho</p>
<p><b>Prevenção das dificuldades</b></p>	<p>Ao longo da elaboração do trabalho, a professora titular e a estagiária irão estar disponíveis para orientar cada grupo.</p>
<p><b>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</b></p>	<p>Esta tarefa pode ser relacionada com a área de Português, uma vez que as crianças terão que recolher informação sobre o seu concelho de residência e sistematizá-la para realizarem o trabalho de grupo.</p> <p>Na área da matemática poderia ser utilizado o cálculo matemático para descobrir há quantos anos se deu um determinado acontecimento histórico e realizar uma linha do tempo, onde teriam que organizar os acontecimentos através de uma sequência temporal.</p> <p>Na área das expressões artísticas poderia retratar-se dramaticamente e musicalmente alguma história/lenda sobre esse concelho.</p>

### Reflexão da intervenção - I

<p><b>Relato da atividade/aula (por tópicos)</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação do novo tema do manual- O Passado do Meio Local</li> <li>➤ Leitura em grande grupo e exploração da informação do tema através do manual de Estudo do Meio</li> <li>➤ Visualização de um vídeo referente a esta temática presente na escola virtual</li> <li>➤ Apresentação de um PowerPoint realizado pela estagiária com informação sobre os vestígios do passado que podem ser observados no concelho.</li> <li>➤ Lançamento da proposta de trabalho</li> <li>➤ Escolha dos elementos dos grupos</li> <li>➤ Atribuição dos temas a cada grupo</li> </ul>

<b>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:</b>	
Reação (individual e da turma)	A turma mostrou-se interessada e atenta no decorrer da aula, onde surgiram diversas perguntas relacionadas com esta temática. Quando comecei por mostrar o PowerPoint, todos estavam curiosos por descobrir mais coisas sobre o local em que habitam.
<b>Questões relevantes que surgiram</b>	
<p>Todos os alunos residem no mesmo concelho, à exceção de uma criança que pertence a outro concelho, que ao longo da aula foi comparando alguns monumentos e datas de ambos.</p> <p>Surgiram, também, algumas questões quanto ao significado de algumas palavras, como alfaias, placas toponímicas e foral.</p> <p>Ao projetar uma imagem que retratava os trajes e as atividades económicas predominantes do concelho, foi mostrada uma fotografia de uma senhora vestida de peixeira, que por coincidência é bisavó de uma menina da sala.</p>	
<b>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível:</b>	
do tema	
da planificação	
da atitude dos alunos	
<b>Como os resolvi:</b>	
Imprevisto A	
Imprevisto B	
Fatores facilitadores	O uso da tecnologia permitiu que as crianças conseguissem visualizar as fotografias referentes aos vestígios históricos que se pode encontrar no concelho.
Fatores perturbadores	
<b>Dar continuidade:</b>	
<p>Esta tarefa irá ter continuidade, uma vez que cada grupo irá apresentar o seu trabalho à restante turma, onde irão mencionar e aprofundar alguns acontecimentos históricos apresentados pela estagiária durante a aula e dar a conhecer outras particularidades que eventualmente irão descobrir ao longo da elaboração do mesmo.</p>	

### **Conclusão - I**

Para a realização da presente tarefa foi necessário pesquisar informações sobre acontecimentos históricos do concelho trabalhado, o que permitiu que o conhecimento da estagiária fosse igualmente alargado. A atividade decorreu conforme o esperado, não existindo imprevistos significativos durante a mesma. Os grupos foram escolhidos pelos alunos, existindo apenas a indicação que teriam que existir seis grupos, sendo que dois deles teriam que ter cinco elementos e os restantes grupos quatro. Os alunos organizaram-se sozinhos procurando os colegas com os quais têm mais afinidades, não existindo atritos durante a organização dos grupos de trabalho. Após este momento, os temas foram definidos pela estagiária com o auxílio da professora cooperante, atribuindo os temas com mais informação aos grupos com um maior número de elementos, de forma a existir uma coerência na tarefa proposta. O facto de a temática estar relacionada com o meio envolvente, fazendo parte das suas vivências, suscitou uma grande curiosidade nos alunos, sendo por isso importante levá-los à descoberta desse mesmo meio, uma vez que é “a realidade em que está mergulhado afetivamente” (Roldão, 2004, p. 26).

A realização dos trabalhos de grupo irá permitir que cada criança descubra aspetos relevantes sobre o passado do seu concelho de residência e descobrir outros através de pesquisa ou de informações cedidas pelos familiares que não tenham sido abordadas durante a aula, podendo partilhar as mesmas na apresentação do seu trabalho.

## Anexo 2

## Planificação III

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Data e duração
3º Ano- 26 alunos	Português	Texto coletivo com adjetivos qualificativos e seus antónimos	25/11/2014 – 1 Hora (9:15h às 10:15h)

Domínios/ Conteúdos Programáticos	Metas/Objetivos	Operacionalização (descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<b>COMPREENSÃO DO ORAL</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível:               <ul style="list-style-type: none"> <li>– Apropriar-se de novos vocábulos;</li> <li>– Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas;</li> <li>– Cumprir instruções;</li> <li>– Responder a questões acerca do que ouviu;</li> <li>– Identificar informação essencial e acessória;</li> <li>– Relatar o essencial de uma história ouvida;</li> <li>– Fazer inferências;</li> </ul> </li> </ul>	<p>Observação direta do desempenho, participação e grau de aprendizagem do aluno.</p> <p>*Observação e registo da autonomia e clareza da comunicação.</p> <p>* Observação da progressão nas competências da escrita e da leitura.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>– Esclarecer dúvidas;</li> <li>.</li> <li>• Pedir informações e esclarecimentos para clarificar a informação ouvida.</li> <li>• Utilizar técnicas para registar, tratar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Identificar ideias-chave;</li> <li>– Preencher grelhas de registo;</li> <li>– Esquematizar;</li> <li>– Articular a informação retida com conhecimentos prévios;</li> </ul> </li> <li>• Mobilizar conhecimentos prévios.</li> <li>• Apropriar-se de novos vocábulos.</li> </ul>	
<b>EXPRESSÃO ORAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar trabalhos individualmente ou em grupo, dando conta dos objetivos, organização e conclusão dos mesmos.</li> <li>• Assumir diferentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar.</li> <li>• Produzir frases complexas</li> <li>• Respeitar as convenções que</li> </ul>	

	papéis (porta-voz)	<p>regulam a interação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Ouvir os outros;</li> <li>– Esperar a sua vez;</li> <li>– Respeitar o tema;</li> <li>– Acrescentar informação pertinente;</li> <li>- Partilhar ideias</li> </ul>	
<b>LEITURA</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer uma leitura que possibilite: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Transformar, parcial ou totalmente, textos lidos</li> <li>- Propor títulos para textos ou partes de textos.</li> </ul> </li> <li>• Propor soluções/alternativas distintas, mas compatíveis com a estrutura nuclear do texto.</li> <li>• Ler com progressiva autonomia palavras, frases e textos.</li> <li>• Identificar o sentido global de textos.</li> <li>• Identificar o tema central.</li> <li>• Responder a questões sobre o texto.</li> </ul>	

<b>ESCRITA</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cuidar da apresentação final dos textos</li> <li>• Escrever diferentes textos mediante proposta do professor.</li> <li>• Reescrever o texto.</li> </ul>	
<b>Razão de escolha da tarefa</b>	História adequada à tarefa pretendida – Exploração e consolidação de conhecimentos sobre os adjetivos qualificativos		

<b>Metodologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação do livro “Tudo ao Contrário” de Luísa Ducla Soares</li> <li>➤ Leitura do texto “O rapaz magro, a rapariga gorda”</li> <li>➤ Interpretação oral acerca do texto lido</li> <li>➤ Levantamento de adjetivos qualificativos e dos seus antónimos</li> <li>➤ Registo no quadro dos adjetivos sugeridos pelo grupo</li> <li>➤ Eleição de um adjetivo qualificativo e do seu antónimo</li> <li>➤ Organizar os grupos de trabalho:</li> <li>➤ Seis grupos de trabalho (dois grupos de cinco alunos e quatro grupos de quatro alunos) <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Cada grupo irá ter um porta-voz</li> <li>○ A organização dos grupos será previamente definida pela estagiária com o auxílio da professora titular</li> <li>○ Estabelecer as regras para cada grupo de trabalho:</li> <li>○ O porta-voz de cada grupo deverá colocar o dedo no ar quando tiver terminado a tarefa ou se necessitar de ajuda no decorrer da mesma</li> </ul> </li> <li>➤ Lançamento da proposta de trabalho</li> <li>➤ Registar no quadro as sugestões de frases de cada grupo</li> <li>➤ Criar um final para a história</li> </ul>
--------------------	---

<b>Ação do professor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Orientar a tarefa</li> <li>➤ Ouvir os alunos</li> <li>➤ Registrar as sugestões dadas pelos alunos</li> </ul>
<b>Organização dos alunos</b>	Inicialmente os alunos estarão nos seus lugares e para a realização da tarefa irão reunir-se em grupos de quatro e cinco elementos, definidos previamente pela estagiária com o auxílio da professora cooperante.
<b>Comunicação dos resultados</b>	No decorrer de toda a atividade e na leitura da frase realizada por cada grupo.
<b>Recursos materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Livro “Tudo ao Contrário” de Luísa Ducla Soares</li> <li>➤ Projetor</li> <li>➤ Portátil</li> <li>➤ Lápis/caneta</li> <li>➤ Folhas</li> </ul>
<b>Recursos humanos</b>	Os alunos do 3º A e a estagiária
<b>Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos</b>	Os alunos poderão ficar presos ao texto lido oralmente, tentando enquadrar o adjetivo escolhido pelo grupo, às quadras já existentes.
<b>Previsão de dificuldades / erros</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Escolha do porta-voz</li> <li>➤ Os restantes elementos do grupo irão querer falar ao mesmo tempo que o porta-voz</li> <li>➤ Saber esperar pela sua vez</li> <li>➤ Poderão necessitar de alguma ajuda na elaboração das frases</li> </ul>
<b>Prevenção das dificuldades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Mencionar as regras existentes para cada grupo de trabalho</li> <li>➤ Caso o grupo não consiga eleger o porta-voz, o mesmo será definido pela estagiária</li> <li>➤ No decorrer da atividade, percorrer os diferentes grupos a fim de esclarecer dúvidas e ajudar nalgumas dificuldades que possam surgir</li> </ul>
<b>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Área da Matemática-</b> Medições de capacidades em unidades do sistema métrico. (resolução de problemas que envolvam medições de capacidade – Ex: Quantos copos de</li> </ul>

<b>aprendizagem</b>	<p>água com 250 ml serão necessários para encher um alguidar que tem 5lt de capacidade?- Realizar experiências práticas)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Área de Estudo do Meio-</b> Evolução dos meios de transporte aquáticos</li> <li>➤ <b>Área das Expressões Artísticas-</b> Dramatização do texto, Elaboração de cenários, Ilustração de um livro criado pelo grupo baseado no texto “Rapaz Magro, Rapariga Gorda”</li> </ul>
---------------------	---

### Descrição e Reflexão - II

<b>Relato da atividade/aula (por tópicos)</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação do livro “Tudo ao Contrário” de Luísa Ducla Soares</li> <li>➤ Leitura do texto “O rapaz magro, a rapariga gorda”</li> <li>➤ Pequena interpretação oral acerca do texto lido</li> <li>➤ Levantamento de adjetivos qualificativos e dos seus antónimos</li> <li>➤ Registo no quadro dos adjetivos sugeridos pelo grupo</li> <li>➤ Eleição de um adjetivo qualificativo e do seu antónimo através de votos</li> <li>➤ Organização dos grupos de trabalho</li> <li>➤ Estabelecimento das regras para cada grupo de trabalho</li> <li>➤ Breve explicação das funções do porta-voz</li> <li>➤ Eleição do porta-voz de cada grupo de trabalho</li> <li>➤ Lançamento da proposta de trabalho</li> <li>➤ Entrega de uma folha de linhas a cada grupo</li> <li>➤ Projeção do texto “Rapaz magro, rapariga gorda” de Luísa Ducla Soares</li> <li>➤ Orientação da tarefa e esclarecimento de dúvidas a cada grupo</li> <li>➤ Registo no quadro das sugestões de frases de cada grupo</li> </ul>
<b>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:</b>	
Reação (individual e da turma)	<p>Os alunos mostraram-se empenhados durante a aula, mostrando-se participativos no decorrer da mesma. Foi com alguma surpresa que se verificou que existiram grupos que criaram mais frases do que o pedido. Apenas o L. inicialmente se mostrou um pouco desiludido com a escolha dos grupos de trabalho, mas no desenrolar da tarefa esse sentimento foi modificando.</p>

<b>Questões relevantes que surgiram</b>	
<b>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível:</b>	
do tema	A- No levantamento de adjetivos qualificativos e seus antónimos, surgiram algumas dificuldades em reconhecer se algumas palavras ditas pelo grupo eram consideradas adjetivos qualificativos.
da planificação	B- A gestão do tempo - não foi possível concluir a atividade no tempo previsto C- Lançamento da tarefa - quando a tarefa foi sugerida ao grupo, deveria ter-se mencionado que apenas um grupo poderia iniciar a sua frase com “Era uma vez...” enquanto que os restantes grupos teriam que começar com “O rapaz era tão alto, tão alto, tão alto, que...” e “A rapariga era tão baixa, tão baixa, tão baixa, que...”
da atitude dos alunos	D- Escolha dos grupos de trabalho (uma criança mostrou-se desiludida com a escolha dos elementos para os trabalhos de grupo, uma vez que o seu grupo era constituído por crianças do sexo feminino, sendo este o único elemento masculino) E- Escolha do porta-voz (alguns grupos mostraram alguma dificuldade na escolha do porta-voz, necessitando da ajuda do adulto)
<b>Como os resolvi:</b>	
Imprevisto A	Para resolver este imprevisto contou-se com o auxílio da professora titular, solicitando a sua ajuda sempre que necessário.
Imprevisto B	Uma vez que os grupos se mostraram muito empenhados na elaboração da atividade, esta demorou mais tempo do que o previsto. A mesma terá continuação noutro dia para que cada grupo escreva e ilustre a frase elaborada, para que seja construído um livro.
Imprevisto C	No decorrer da atividade a professora titular reparou que todos os grupos, à exceção de um, estavam a iniciar as suas frases com o “Era uma vez...” alertando-me para tal acontecimento, sugerindo que devia intervir e explicar que nem todos os grupos poderiam iniciar

	as suas frases da mesma forma. Assim sendo, pediu-se à turma que interrompessem o seu trabalho e foi explicado o porquê de não poderem iniciar as frases da mesma forma, utilizando como exemplo o texto “Rapaz magro, rapariga gorda” que estava projetado na tela, sugerindo outras formas de dar início às frases.
Imprevisto D	Após os grupos de trabalho estarem definidos o L. chamou-me e mostrou-se desiludido por ter ficado num grupo só com elementos do sexo feminino. Foi-lhe explicado que os grupos tinham sido escolhidos de modo a que não se fizessem grandes alterações na sala, por não termos muito tempo e que uma vez que já tinham escolhido com quem queriam realizar o trabalho numa proposta anterior, que nesta atividade teria que ser assim. O L. após esta conversa conseguiu perceber, ultrapassando a sua frustração inicial.
Imprevisto E	A escolha do porta-voz em alguns grupos foi um pouco atribulada pois não chegavam a um consenso, sendo preciso a intervenção do adulto para solucionar o problema. Desta forma, foi sugerido que todos os elementos do grupo votassem em quem queriam que fosse o porta-voz e ganhava o que tivesse mais votos. Não foi necessário ser a estagiária a escolher o porta-voz, uma vez que após a conversa que foi estabelecida com os diferentes grupos, os mesmos conseguiram tomaram uma decisão democraticamente.
Fatores facilitadores	O auxílio da professora titular foi um dos fatores facilitadores durante toda a atividade, uma vez que me foi alertando para algumas situações e ajudando em algumas dúvidas que existiram.
Fatores perturbadores	Não existiram fatores perturbadores no decorrer da atividade.
<b>Dar continuidade:</b>	
Em que áreas	Área das Expressões Artísticas- Expressão plástica
Como	Ilustração das frases realizadas por cada grupo
Quando	O dia irá ser agendado com a professora cooperante

### **Conclusão - III**

A turma reagiu positivamente à atividade proposta, esforçando-se por criar frases que fossem originais e criativas. O facto de a professora supervisora estar presente, poderia ser um fator gerador de comportamentos desadequados, uma vez que estava um elemento novo na sala de aula o que causa sempre um sentimento de curiosidade por parte das crianças, mas tal não aconteceu.

Ao se realizar uma reflexão sobre a tarefa proposta, existiram no decorrer da atividade alguns aspetos que poderiam ser melhorados quanto à intervenção da estagiária e quanto à planificação da mesma, como por exemplo a gestão do tempo e o lançamento da tarefa. É a constante reflexão que permite perceber os erros e constatar o que se pode melhorar, para que numa outra planificação e implementação de atividades, as mesmas consigam ir ao encontro das necessidades das crianças. A gestão do tempo é ainda um aspeto a ter em conta numa futura planificação, bem como a dinâmica que é necessária existir no decorrer de uma atividade, de forma a cativar os alunos.

## Anexo 3

## Planificação VII

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Data e duração
3º Ano- 26 alunos	Estudo do Meio	Observação de um cartaz e de uma experiência sobre o sistema digestivo	27/01/2015- 1 Hora

Domínios/ Conteúdos Programáticos	Metas/Objetivos	Operacionalização (descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
À Descoberta de Si Mesmo - O seu corpo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as funções vitais (digestiva)</li> <li>- Conhecer alguns órgãos correspondentes ao sistema digestivo</li> <li>- Localizar esses órgãos em representações do corpo humano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhece e localiza alguns órgãos do aparelho digestivo</li> <li>• Identifica fenómenos relacionados com algumas funções vitais: Digestão</li> <li>• Legenda o aparelho digestivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta da participação e atenção durante a aula</li> <li>- Levantamento inicial do conhecimento dos alunos acerca deste conteúdo</li> </ul>
<b>Razão de escolha da tarefa:</b>	<p>A escolha da presente tarefa prende-se com o início de uma nova temática no manual de estudo de meio, e com a intenção de apresentar a mesma através de materiais que as crianças pudessem manipular, bem como observar uma experiência em que fosse observável os diferentes estados que os alimentos sofrem durante o processo da digestão. Assim sendo preparei a experiência antecipadamente para que os resultados fossem visíveis, e irei posteriormente</p>		

	explicar todos os passos realizados aos alunos.
--	---

<b>Metodologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Levantamento inicial dos conhecimentos das crianças acerca da temática</li> <li>➤ Exploração do cartaz. À medida que se for falando no órgão pertencente ao aparelho digestivo, irei colar a imagem do mesmo na figura humana e legendá-la. Far-se-á o mesmo para os restantes órgãos.</li> <li>➤ Observação da experiência que consiste na transformação que os alimento sofrem durante a digestão, assim ir-se-á mostrar ordenadamente cada uma destas etapas, através de sacos que contém pão e água, que irão representar este processo)</li> <li>➤ Esclarecimento de dúvidas</li> <li>➤ Observação e manipulação dos objetos que pertencem à experiência</li> </ul>
<b>Ação do professor</b>	Ouvir os alunos
<b>Organização dos alunos</b>	Nos seus lugares habituais
<b>Comunicação dos resultados</b>	À medida que se vai inserido mais um órgão pertencente ao sistema digestivo, ir-se-á voltar ao início, descolando as imagens dos órgãos e a sua legenda, e pedir-se-á aleatoriamente que os alunos coloquem a imagem no sítio correto e que legendem a mesma. O processo será o mesmo sempre que introduzir um novo órgão ou um novo conceito, para que os alunos memorizem as diferentes etapas e para que se consiga observar a sua atenção e interiorização dos conteúdos.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Cartaz plastificado com o contorno do corpo humano</li> </ul>

<b>Recursos materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Imagens plastificadas dos órgãos que pertencem ao aparelho digestivo</li> <li>➤ Cartões plastificados com a legendagem dos órgãos</li> <li>➤ Sacos representativos das diferentes etapas que os alimentos sofrem durante o processo de digestão</li> <li>➤ Bost it</li> </ul>
<b>Recursos humanos</b>	Os alunos, a Professora Titular e a estagiária
<b>Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos</b>	
<b>Previsão de dificuldades / erros</b>	<p>A- Os alunos poderão não se lembrar da ordem correta dos órgãos e dos nomes dos mesmos, uma vez que irá ser a primeira vez que vão abordar esta temática</p> <p>B- Poderão fazer confusão com o conceito de quimo e quilo pelas palavras serem bastante parecidas embora ocorram em órgãos distintos</p>
<b>Prevenção das dificuldades</b>	<p>A- Cada vez que se mencionar num novo órgão e conceito recapitular-se-á os mesmos, pedindo que um aluno venha colocar o órgão e legendar o mesmo explicando o processo que aí ocorre, para que eles consigam interiorizar os conteúdos.</p> <p>B- Utilizar-se-á uma estratégia baseada na observação das palavras e das suas letras para fazerem corresponder o processo ao órgão onde este ocorre (a palavra quimo tem a letra “m” que também se encontra na palavra estômago, portanto este processo ocorre no estomago, enquanto que a palavra quilo, tem a letra “l” tal como a palavra intestino delgado, que é onde se dá este processo)</p>
<b>Como posso relacionar</b>	<b>Português-</b> Leitura e exploração de letras de música, poemas ou textos que

<p><b>esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</b></p>	<p>retratam o processo da digestão ou dos órgãos pertencentes ao sistema digestivo</p> <p><b>Matemática-</b> Problemas relacionados com frações (metade de uma maçã, quarta parte de uma pizza, ...)</p> <p><b>Estudo do Meio-</b> Selecionar alimentos saudáveis e que por isso contribuem para uma digestão dos alimentos.</p> <p><b>Expressão Plástica-</b> Construção de uma roda de alimentos através de recorte e colagem de alimentos presentes em folhetos de supermercado</p>
---	--

### Descrição e Reflexão - VII

<b>Relato da atividade/aula</b> (por tópicos)	
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Levantamento inicial dos conhecimentos das crianças acerca da temática e registo dos mesmos</li> <li>➤ Exploração do cartaz</li> <li>➤ Observação da experiência</li> <li>➤ Esclarecimento de dúvidas</li> <li>➤ Observação e manipulação dos objetos que pertencem à experiência</li> </ul>	
<b>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:</b>	
Reação (individual e da turma)	A turma mostrou-se participativa e concentrada no decorrer da aula, fazendo diversas questões acerca da elaboração do cartaz.
<b>Questões relevantes que surgiram</b>	
<b>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível:</b>	
do tema	
da planificação	As legendas dos órgãos não ficaram proporcionais ao tamanho dos

	mesmos, o que dificultou a colocação correta dos mesmos
da atitude dos alunos	
<b>Como os resolvi:</b>	
Imprevisto A	Para que as legendas fosse perceptíveis utilizou-se marcadores adesivos com setas que apontavam para o órgão correspondente
Fatores facilitadores	O jogo em si, foi um fator facilitador e motivador para a turma, pois foi realizada uma abordagem diferente à qual estavam habituados.
Fatores perturbadores	

### Conclusão - VII

O facto de se ter realizado um cartaz representativo do sistema digestivo que funcionou como um puzzle, fez com que os alunos compreendessem melhor os conceitos acerca desta temática. Considera-se importante que o professor traga para a sala de aula, sempre que possível, material que facilite a aprendizagem do aluno e que o aproxime da realidade, uma vez que segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2004), é “com o Estudo do Meio que os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.” (p.102)

O levantamento dos conhecimentos que as crianças tinham acerca deste tema e que foi realizado no início da tarefa, permitiu que estes no final confrontassem as concepções anteriores com os conhecimentos adquiridos ou consolidados.

O facto de se ir fazendo uma consolidação do que já tinha sido abordado e da intervenção das crianças durante a mesma, permitiu que estas para além de compreender os fenómenos que acontecem durante a digestão, memorizassem alguns nomes técnicos e conceitos científicos sobre este tema. Tal como refere Rebelo (1993), “memorizar é um dos requisitos primários e indispensáveis à aprendizagem, sendo praticamente impossíveis de distinguir os dois processos.” (p. 159)

Em suma, a aula foi bastante produtiva porque as crianças se mostraram interessadas ao colocaram diversas questões acerca da elaboração do cartaz. Irá ser proposto à professora cooperante a realização de cartazes para os restantes sistemas do corpo humano, para que estes compreendam como se realiza um cartaz, onde simultaneamente, irão aplicar os conhecimentos adquiridos.

## Anexo 4

## Planificação IX

Ano – nº de alunos	Área	Tarefa	Data e duração
3º Ano- 26 alunos	Estudo do Meio Expressão Plástica Português	Cartazes sobre os sistemas do corpo humano	05/03/2015 Manhã- das 9H às 9:30H Tarde- das 13:40H às 14:50H 10/03/2015- Conclusão e comunicação dos resultados à turma

Domínios/ Conteúdos Programáticos	Metas/Objetivos	Operacionalização (descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
À Descoberta de Si Mesmo - O seu corpo	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer as funções vitais (respiratória, circulatória, excretora e reprodutora (sexual))</li> <li>Conhecer alguns órgãos correspondentes (coração, pulmões, rins, genitais) - Localizar esses órgãos em representações do corpo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Associa/reconhece diferentes funções vitais do nosso organismo</li> <li>Identifica diferentes aparelhos do corpo humano</li> <li>Conhece e localiza alguns órgãos dos aparelhos: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Circulatório</li> <li>- Respiratório</li> <li>- Excretor</li> <li>- Reprodutor (feminino e masculino)</li> </ul> </li> <li>Identifica fenómenos relacionados com algumas funções vitais: respiração, circulação, excretora e reprodutora (sexual)</li> </ul>	Trabalho de grupo  Observação direta do empenho na tarefa

	humano	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legenda os diferentes aparelhos</li> </ul>	
<p>Bloco II Organização Progressiva de Superfícies</p> <p>Bloco III Exploração de Técnicas Diversas de Expressão- Cartazes</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contornar objetos, formas, pessoas.</li> <li>• Fazer composições com fim comunicativo: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Recortando e colando elementos</li> <li>- Desenhando e escrevendo</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O aluno experimenta as possibilidades expressivas dos materiais e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações.</li> <li>• O aluno é capaz de ler e analisar diferentes formas visuais (e.g. natureza, obra de arte, arquitetura, design, objetos do quotidiano, entre outras) através do contacto com diferentes modalidades expressivas (pintura, escultura, fotografia, cartaz, banda desenhada, entre outros) em diferentes contextos</li> </ul>	
Educação Literária	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler e ouvir ler textos literários.</li> <li>• Ler para apreciar textos literários.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lê e ouve ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.</li> </ul>	
<b>Razão de escolha da tarefa:</b>	<p>A escolha da presente tarefa prende-se com o início do projeto mencionado no guião da PES. Para além disso, houve um interesse demonstrado pelos alunos em relação à elaboração do cartaz, realizado por mim, referente ao sistema digestivo. Desta forma considerou-se pertinente que para os outros sistemas fossem elaborados cartazes semelhantes realizados pelos alunos. Este conteúdo está inserido no currículo estabelecido pelo Ministério da Educação, sendo o mesmo seguido pela professora cooperante.</p> <p>Relativamente à área de conteúdo do português, inseri na planificação como meio</p>		

para a estimulação da leitura, visto que o contacto com novas histórias, vocabulário, estrutura frásica deve ser realizado diariamente para que o aluno evolua ao nível da escrita e do enriquecimento do próprio vocabulário.
--

<b>Metodologia</b>	<p><b><u>Manhã</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação do projeto</li> <li>• Divisão dos grupos <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos poderão escolher o grupo de trabalho</li> <li>- O número de elementos para cada grupo será definido previamente</li> <li>- Os sistemas do corpo humano serão atribuídos pela professora titular mediante a elaboração dos grupos formados pelos alunos</li> </ul> </li> <li>• Preenchimento de folha orientadora de grupo com os seguintes indicadores: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Elementos do grupo</li> <li>- Porta-voz do grupo</li> <li>- Materiais que vão utilizar</li> <li>- O que vão desenhar</li> <li>- Esboço do cartaz sobre o sistema</li> </ul> </li> </ul> <p><b><u>Tarde</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação do trabalho de grupo</li> <li>• Estabelecer as regras para o trabalho de grupo</li> <li>• Leitura dos textos relativamente a cada sistema</li> <li>• Levantamento de perguntas/curiosidades de cada grupo para o projeto</li> <li>• Elaboração dos cartazes</li> </ul>
--------------------	---

<b>Ação do professor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir os alunos</li> <li>• Orientar a tarefa, percorrendo os grupos para os auxiliar em dúvidas ou dificuldades que possam surgir</li> </ul>	
<b>Organização dos alunos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os alunos irão estar organizados em cinco grupos: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quatro grupos com cinco elementos</li> <li>- Um grupo com seis elementos</li> </ul> </li> </ul>	
<b>Comunicação dos resultados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do cartaz realizado por cada grupo à turma</li> </ul>	
<b>Recursos materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas de papel cavalinho</li> <li>- Imagens dos sistemas do corpo humano</li> <li>- Textos referentes a cada sistema (impressos e digitalizados)</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Cola</li> <li>- Computador</li> <li>- Data Show</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel de cenário</li> <li>- Lápis de cor</li> <li>- Lápis de cera</li> <li>- Canetas de feltro</li> <li>- Marcadores</li> <li>- Manual de Estudo do Meio</li> </ul>
<b>Recursos humanos</b>	<p>Alunos</p> <p>Professora Titular</p> <p>Estagiária</p>	
<b>Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos</b>	<p>Uma vez que os alunos poderão escolher os elementos para o trabalho de grupo, é provável que existam grupos só com elementos do sexo feminino e outros só com elementos do sexo masculino</p>	
<b>Previsão de dificuldades / erros</b>	<p><b>A-</b> Identificação e localização correta dos órgãos pertencentes a cada sistema</p> <p><b>B-</b> Durante a elaboração dos cartazes poderá surgir algum ruído</p>	

	C- Dificuldade na gestão do tempo
<b>Prevenção das dificuldades</b>	<p>A- Cada grupo irá ter disponível o manual de Estudo do Meio e imagens relativas ao sistema do corpo humano que estão a elaborar</p> <p>B- Colocar-se-á música instrumental de fundo e/ou músicas referentes a esta temática (Áudio livro Expressão Musical - Areal Editores e “As Canções de Maria” de Maria Vasconcelos)</p> <p>C- Monitorizar a duração da tarefa dando indicações aos alunos do tempo que têm para a realizar</p>
<b>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Português- Exploração de textos narrativos, textos poéticos e letra de música referentes a cada sistema do corpo humano. Diferenciação entre texto poético e texto narrativo.       <ol style="list-style-type: none"> <li>1- “O que eu sei sobre o coração” de Alice Vieira</li> <li>2- “Traqueia” de José Jorge Letria</li> <li>3- “Rápido, Rapidíssimo” de Alice Vieira</li> <li>4- “Canção do chichi” de Maria de Vasconcelos</li> <li>5- “A Ana quer” de Manuel António Pina</li> </ol> </li> <li>• Expressão Musical:       <ul style="list-style-type: none"> <li>- Audição de canções referentes a esta temática</li> <li>- Batimentos corporais (palmas, batimentos, acompanhar canções com gestos e percussão corporal)</li> </ul> </li> </ul>

### Descrição e reflexão - IX

<b>Relato da atividade/aula (por tópicos)</b>
<p><b><u>Manhã</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação do projeto</li> <li>• Divisão dos grupos</li> <li>• Preenchimento de folha orientadora de grupo com os seguintes indicadores:</li> </ul> <p><b><u>Tarde</u></b></p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicação do trabalho de grupo</li> <li>• Estabelecer as regras para o trabalho de grupo</li> <li>• Leitura dos textos relativamente a cada sistema</li> <li>• Levantamento de perguntas/curiosidades de cada grupo para o projeto</li> <li>• Elaboração dos cartazes</li> </ul>	
<b>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido:</b>	
Reação (individual e da turma)	Os alunos reagiram muito bem à tarefa proposta, mostrando algum entusiasmo uma vez que anteriormente já tinham manifestado vontade em construir cartazes para os restantes sistemas.
<b>Questões relevantes que surgiram</b>	
<b>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível:</b>	
do tema	
da planificação	
da atitude dos alunos	
<b>Como os resolvi:</b>	
Imprevisto A	
Imprevisto B	
Fatores facilitadores	
Fatores perturbadores	

### Conclusão - IX

A aula correu conforme o planeado, embora existam alguns aspetos que poderiam ser melhorados. Na leitura dos textos, pediu-se a solicitação dos alunos para a leitura dos mesmos, sendo que previamente a estagiária procedeu à leitura modelo de um deles, uma vez que é através da leitura proferida pelo adulto que os alunos irão projetar a sua leitura individual. Tal como Sim-Sim (2009) afirma “ler é compreender o que está escrito.” (p.9), e desta forma não é apenas ler as palavras que estão escritas, mas sim compreender o seu significado.

A proposta desta tarefa, prendeu-se com as questões que foram levantadas pelos alunos quanto à construção do cartaz realizado pela estagiária para abordar o sistema digestivo. Como tal, considerou-se pertinente que estes realizassem cartazes para os restantes sistemas abordados em sala de aula, de forma a compreenderem como é que se realiza um cartaz e simultaneamente realizarem uma consolidação dos conhecimentos adquiridos. Tal como afirma Sanches (2001) “os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir. (...) É preciso pôr os alunos a fazer e não só a ouvir” (p. 45).

## Anexo 5

## Nota de campo 2

## NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

**Situação:** O L. mostra-se desapontado por estar num grupo de trabalho só com elementos femininos

**Data:** 25/11/ 2014

**Hora:** 9:30H

**Local:** Sala do 3ºA

**Intervenientes:** O L. e a estagiária

**Sexo:** L.- Sexo Masculino

**Idade:** L.- 8 anos

**Outros indicadores de Contexto:**

Descrição	Inferência
No dia 25 de novembro, a estagiária realizou uma atividade sobre os adjetivos qualificativos, no qual seria realizado um trabalho de grupo em que os elementos	Em conversa com a professora titular, foi possível perceber que o L. costuma ter este tipo de comportamento quando algo não corre conforme o que ele quer, onde

<p>foram escolhidos pela estagiária com o auxílio da professora titular. No decorrer da atividade, o L. questionou o porquê de existirem grupos só com rapazes e o facto de ele estar inserido num grupo só com elementos do sexo feminino. A estagiária explicou que os grupos foram escolhidos para que não existissem muitas alterações na sala, pois não tínhamos muito tempo para realizar a tarefa e que nem sempre podemos trabalhar com quem queremos, dando-lhe o exemplo de outro trabalho realizado na área de estudo do meio em que puderam escolher os elementos do grupo.</p>	<p>muitas vezes fica amuado, mostrando depois um comportamento desadequado nas atividades que estão a ser desenvolvidas.</p>
<p><b>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</b></p> <p>Ao mudar os alunos de lugar e ao colocá-los em grupo, deu uma dinâmica diferente à aula e à forma de trabalhar dos alunos. O trabalho de grupo apresenta inúmeras vantagens no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, quer numa aprendizagem pessoal (de socialização), quer numa aprendizagem educativa (de conteúdos). Pato (1995) afirma que “o trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento.” (p.9). Através do trabalho de grupo é ainda possível promover a interação entre os alunos, pois tal como refere Pato (1995) “...o trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com</p>	

outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e de reagir.” (p.9), o que é sempre importante, pois as crianças nem sempre conseguem respeitar e ouvir a opinião dos demais e aceitá-la.

**Anexo 6****Levantamento dos conhecimentos dos alunos - Sistema Digestivo****1. O que é o sistema digestivo?**

- “É o sistema em que nós fazemos a digestão” – C.
- “Tem uma palavra conhecida com ignus” – D.
- “É onde a comida se desfaz” – C.
- “É o aparelho digestivo” – M.
- “É um cubo irregular” – L.
- “É todo o círculo que a comida faz desde que entra na nossa boca” – M.
- “A única coisa que sei é que o estômago tem um líquido para fazer a digestão” – S.

**2. O que será que acontece aos alimentos depois de serem engolidos?**

- “Quando comemos vão para o estômago para se desfazer” – L.
- “Se o intestino delgado tivesse esticado tinha 10 metros” – L.
- “Comemos os alimentos, eles depois são mastigados e triturados e depois passam para outras coisas e vão para o intestino” – C.
- “Quando se engole a comida há um tubo que leva a comida as que também nos faz engasgar” – S.

**3. Nós engolimos os alimentos inteiros?**

- “Temos que mastigar os alimentos” – C.
- “Se não mastigarmos bem demoramos mais tempo a desfazer os alimentos” – L.
- “É melhor desfazer os alimentos do que nos engasgarmos” – D.

**Outros comentários:**

“A nossa língua tem partes para distinguir os sabores dos alimentos” – M.

“A língua tem muitos ossos” – T.

“Não, a língua não pode ter ossos senão ficava rijá” – L.

“Não são ossos, são músculos! Assim é que conseguimos mexer a língua” – M.

**Algumas questões e comentários que surgiram no decorrer da aula:**

“Ao pé da faringe está ali uma coisa, o que é?”

“Como se chama o fio que está por baixo da língua? O que é que acontece se cortarmos esse fio?” – D. (Explicação dada através da operação de um aluno da turma)

“O pâncreas parece uma malagueta” – L.

“Porque é que vomitamos?” – G.

“Quando não temos nada no estômago também podemos vomitar? Se não temos comida lá dentro vomitamos o quê?” – T.

“Se não fizermos cocó o que acontece?” – p.

“Na língua existem coisas que nos fazem sentir o sabor do que comemos” – M.

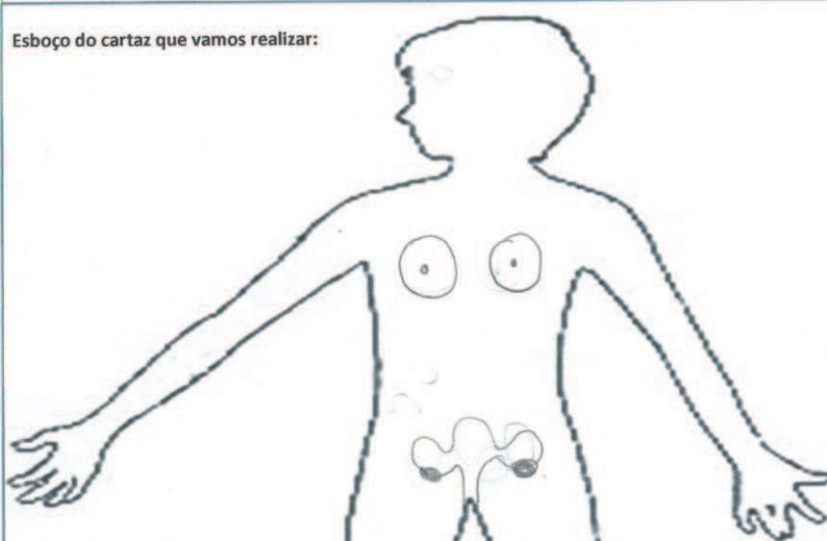
“Como é que a professora Carla fez esses ossos?” – J.

“Também podemos fazer um boneco igual a esse?” – M.

Anexo 7

Folha orientadora para os grupos elaborarem os cartazes

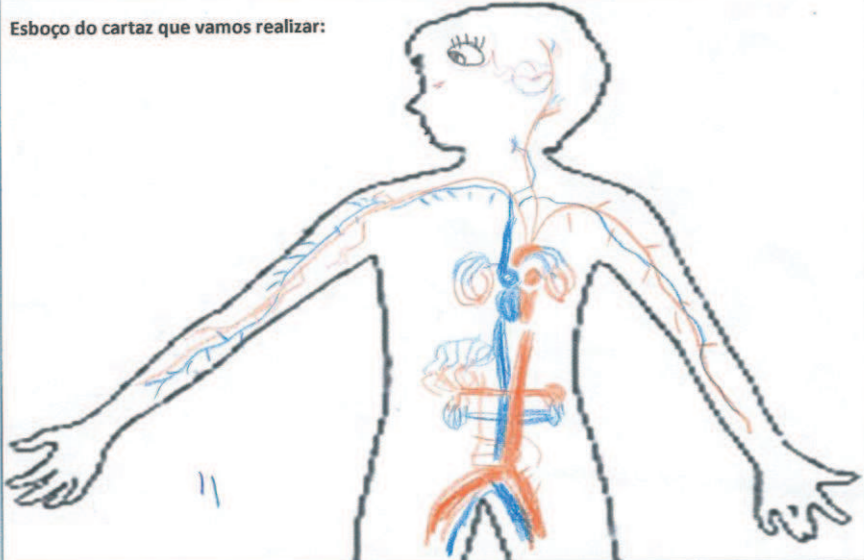
Sistema Reprodutor Feminino

Cartaz sobre o sistema <u>reprodutor feminino</u>	
Nome dos elementos do grupo: <u>Constança, Francisca, Margarida, Carminha, De- luzia e Luísa</u>	
Porta-voz do grupo: <u>Constança</u>	
<p><b>Materiais que vamos precisar:</b></p> <p><u>lapis, borracha, deslida, cola, te- soura, lã, lapis de cor, canetas de cor, cartolina e botões</u></p>	<p><b>O que vamos desenhar:</b></p> <p><u>Trampas de Falópio</u></p> <p><u>Uterino</u></p> <p><u>Útero</u></p> <p><u>Vagina</u></p>
<p><b>Esboço do cartaz que vamos realizar:</b></p> 	

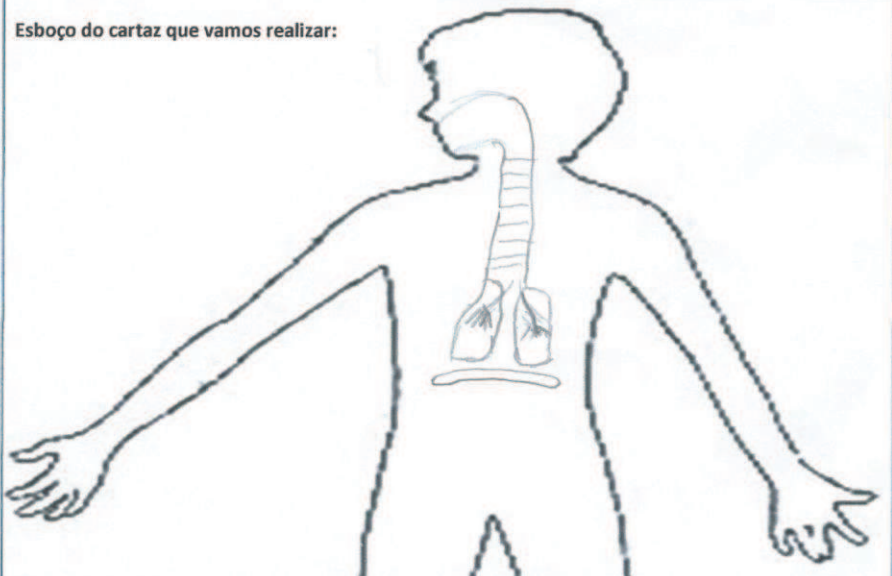
### Sistema Reprodutor Masculino

<p>Cartaz sobre o sistema <u>reprodutor (masculino)</u></p>	
<p>Nome dos elementos do grupo: <u>Madalena, Leonor, Miguel, Tomás e</u> <u>Alfonso Fernandes</u></p>	
<p>Porta-voz do grupo: <u>Madalena</u></p>	
<p><b>Materiais que vamos precisar:</b> <u>tesoura, lápis, cola, borracha, papel, papel de jornal, cordão, algodão, régua, papel de seda, fita, marcador preto</u></p>	<p><b>O que vamos desenhar:</b> <u>os órgãos</u></p>
<p><b>Esboço do cartaz que vamos realizar:</b></p>	

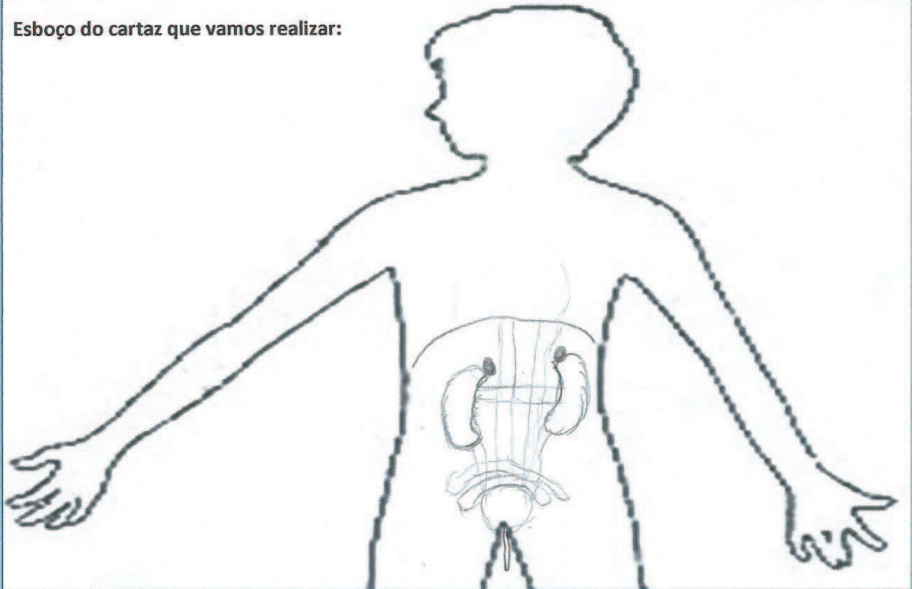
# Sistema Circulatório

Cartaz sobre o sistema <u>circulatório</u>	
Nome dos elementos do grupo: <u>Salvador, Manuel, Afonso G., Guilherme, Carolina D.</u>	
Porta-voz do grupo: <u>Salvador</u>	
<p>Materiais que vamos precisar:</p> <p><u>Lápis, borracha, tesoura,</u> <u>papel, lá</u></p>	<p>O que vamos desenhar:</p> <p><u>Coração</u> <u>Capilares</u> <u>Veia</u> <u>Arterias</u></p>
<p>Esboço do cartaz que vamos realizar:</p> 	

## Sistema Respiratório

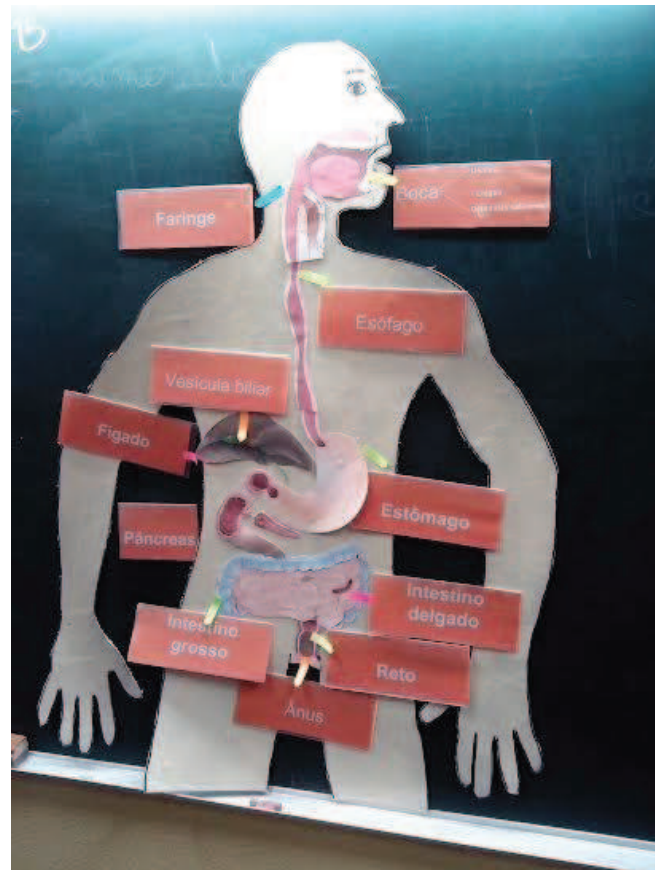
Cartaz sobre o sistema <u>respiratório</u>	
Nome dos elementos do grupo: <u>Sebastião, Denise, Carolina C. Marta e Martin</u>	
Porta-voz do grupo: <u>Martin</u>	
<p><b>Materiais que vamos precisar:</b></p> <p><u>lapis, borracha, papel al, fita, tesoura, botões, papel de caderno, etc.</u></p>	<p><b>O que vamos desenhar:</b></p> <p><u>fossas nasais, faringe, laringe, cavidade bucal, traqueia, brônquios, pulmões e diafragma</u></p>
<p><b>Esboço do cartaz que vamos realizar:</b></p> 	

Sistema Excretor

<p>Cartaz sobre o sistema <u>excretor</u></p>	
<p>Nome dos elementos do grupo: <u>Luis, José, Seabra, Carlota e Mercedes</u></p>	
<p>Porta-voz do grupo: <u>Luis</u></p>	
<p><b>Materiais que vamos precisar:</b>  <u>tesoura, botões, cola, lápis, papel, lápis de cor, borracha, lapis de cera, lã.</u></p>	<p><b>O que vamos desenhar:</b>  <u>órgãos: rim, ureter, bexiga e uretra</u></p>
<p><b>Esboço do cartaz que vamos realizar:</b></p> 	

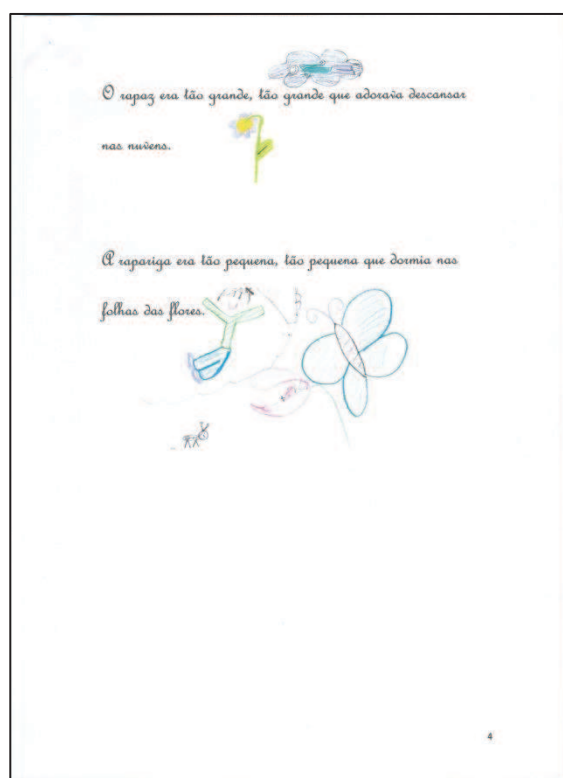
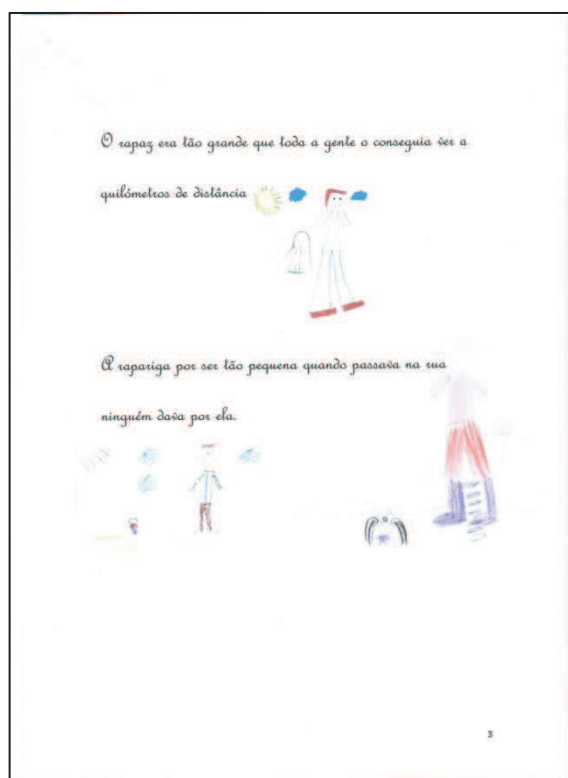
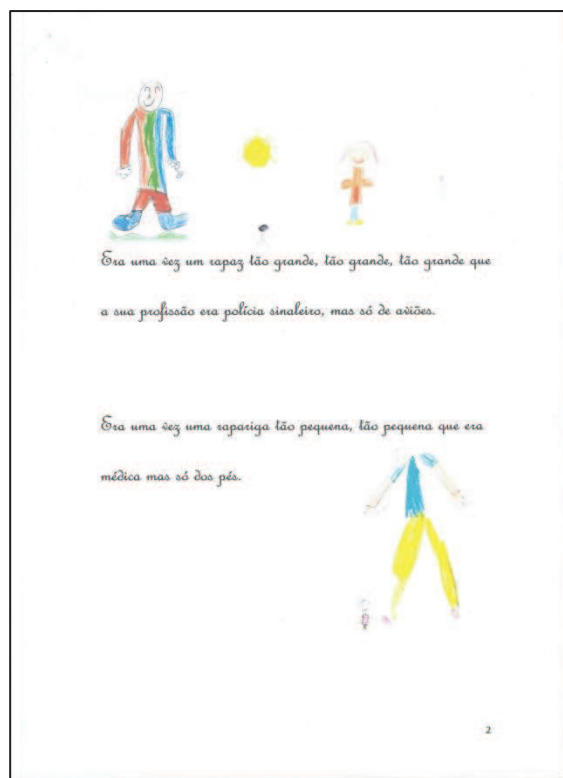
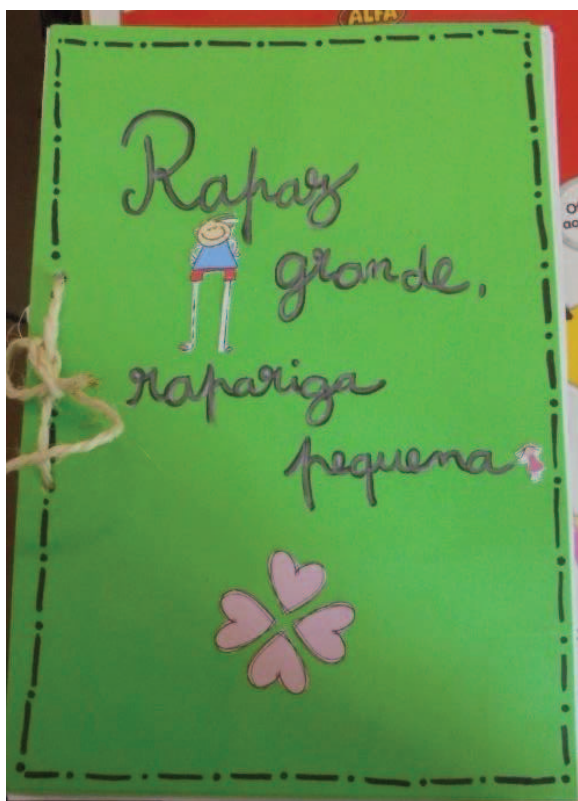
Anexo 8

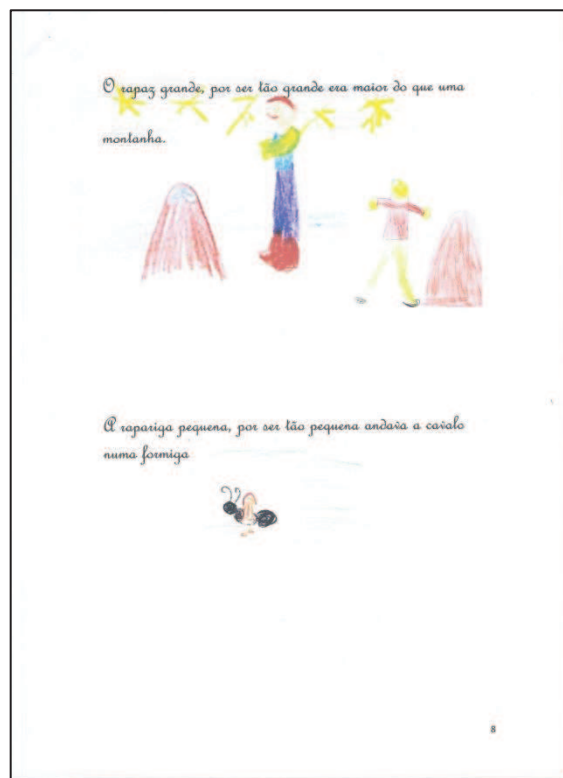
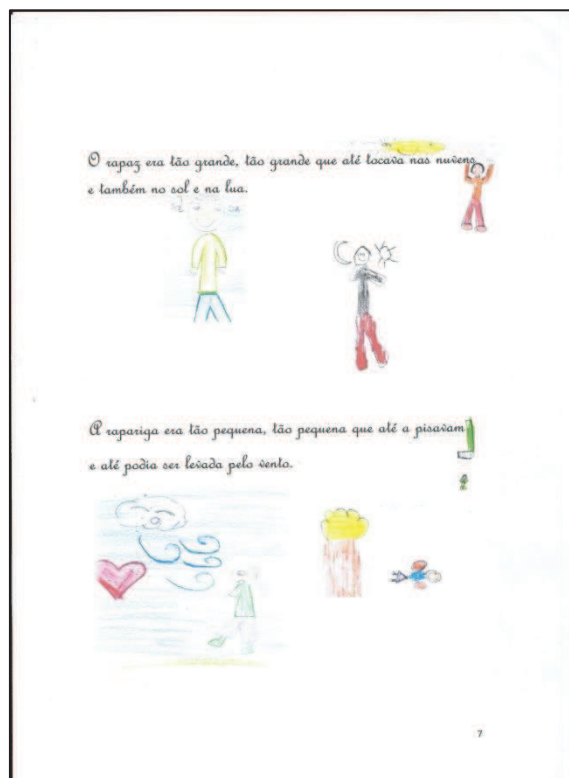
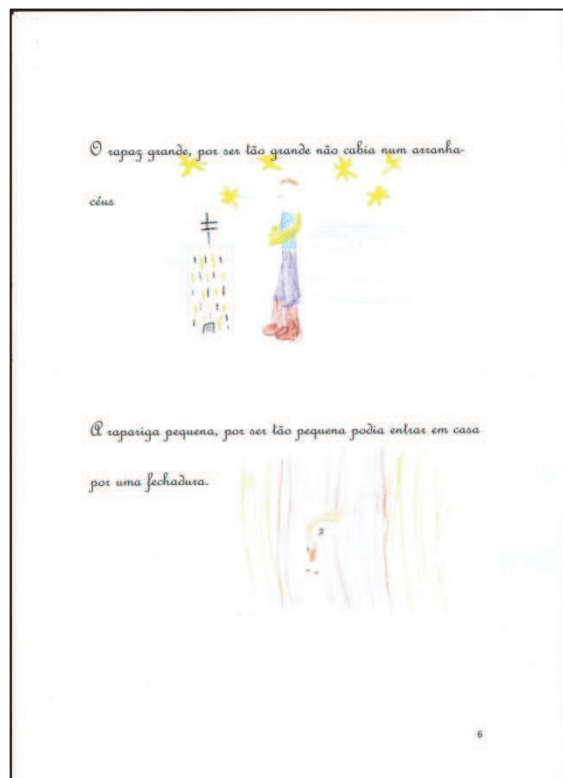
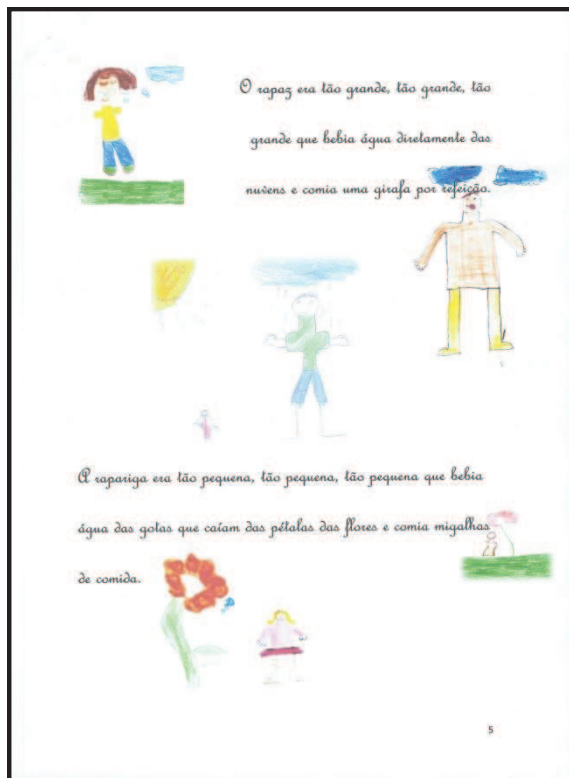
Cartaz realizado pela estagiária acerca do sistema digestivo



## Anexo 9

## Livro oferecido à turma com história elaborada pelos alunos







O rapaz grande tinha uma girafa como animal de estimação,  
a rapariga pequena tinha uma formiga



9

Um dia a rapariga pequena foi levada por uma tabanada de cento até se parar ao nariz do rapaz grande.



Depois olharam um para o outro e foi amor à primeira vista.  
O rapaz grande disse:

- Queres casar comigo?

- É claro que sim amorzinho!

Passado alguns anos a rapariga pequena engraiudou e o casal  
teve filhos, nem pequenos nem grandes, e viveram felizes para  
sempre.



10

Fim 

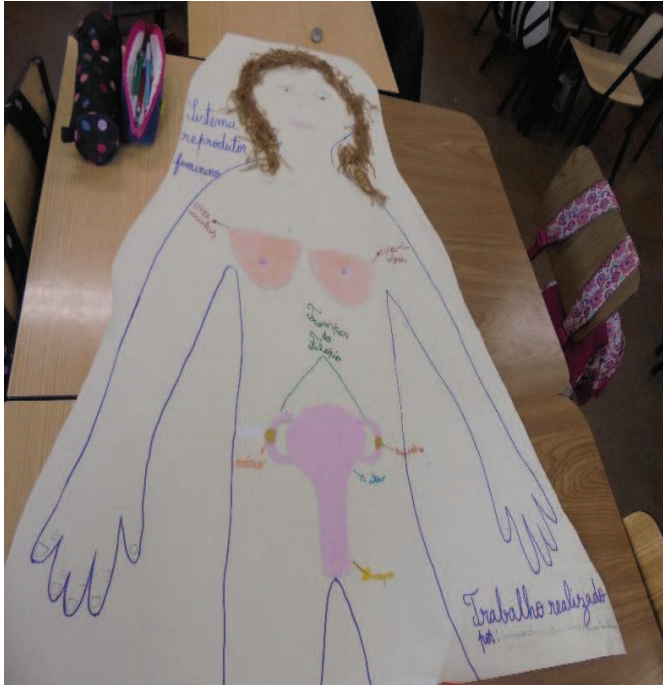


11

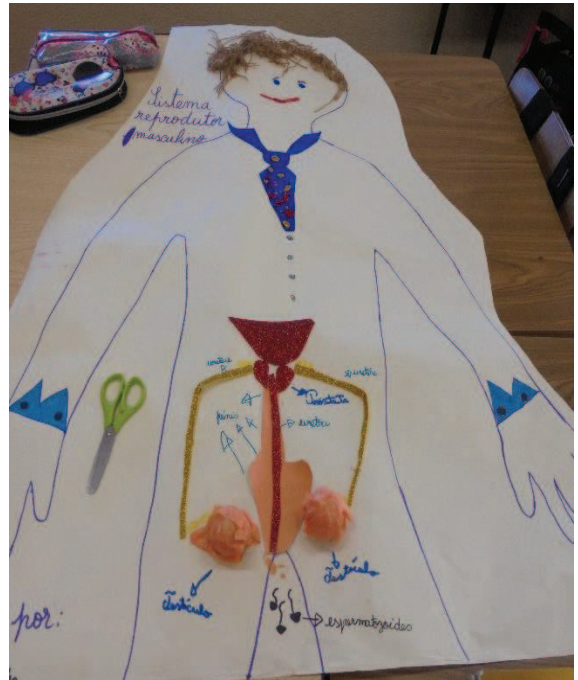
Anexo 10

Cartazes elaborados pelos alunos dos sistemas do corpo humano

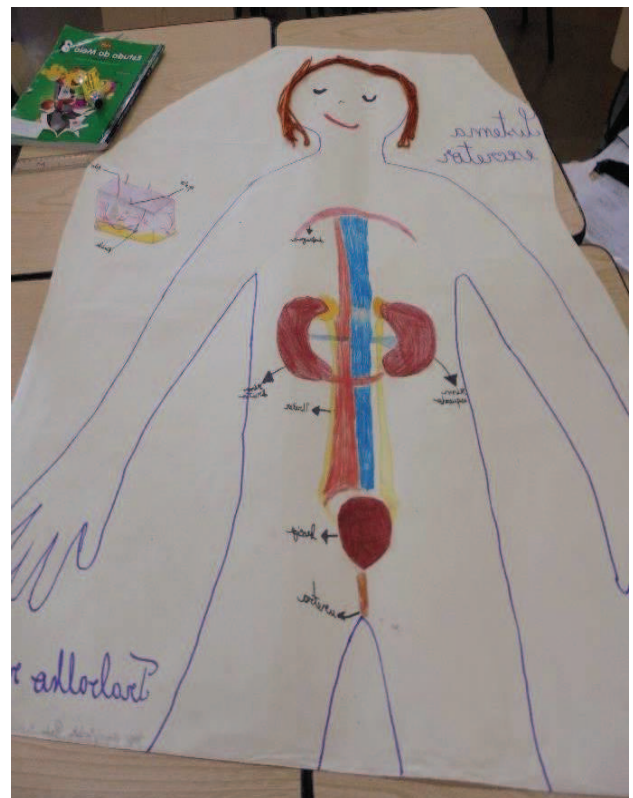
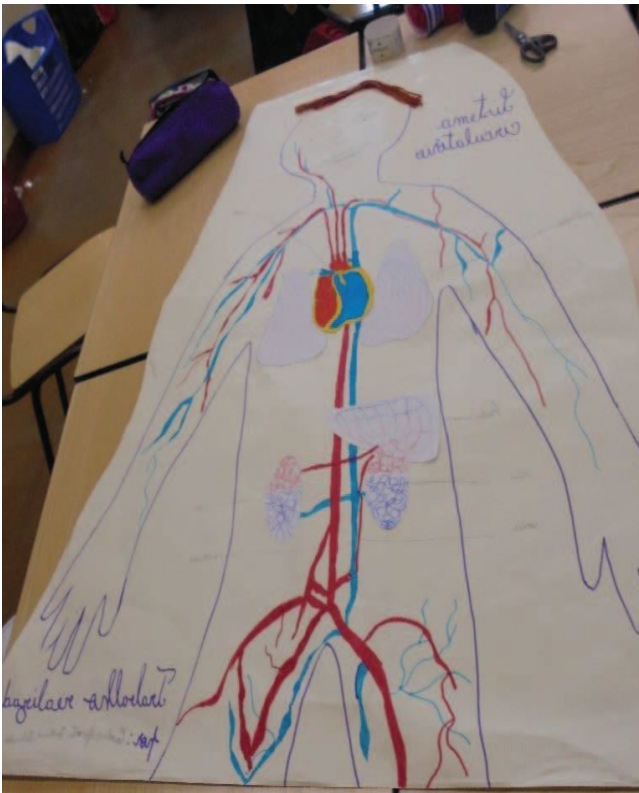
Sistema Reprodutor Feminino



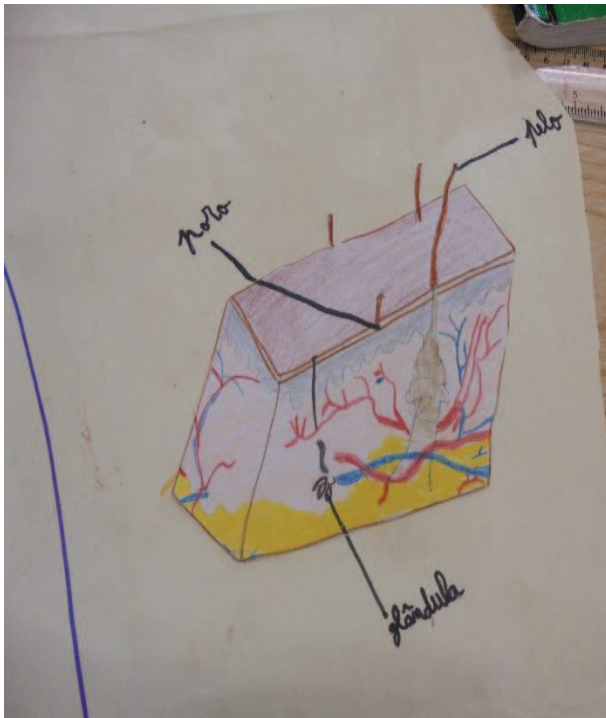
Sistema Reprodutor Masculino



Sistema Circulatório



### Pele - Sistema Excretor



### Sistema Respiratório

